



ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf ANDRÉ LUIS CRUZ **CORREIA**

**AS ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS DO NOVO
TERRORISMO GLOBAL E OS NOVOS DESAFIOS PARA
AS FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS.**



Rio de Janeiro
2019



Maj Inf ANDRÉ LUIS CRUZ CORREIA

As organizações terroristas do novo terrorismo global e os novos desafios para as Forças de Operações Especiais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Orientador: Ten Cel Inf QEMA GUSTAVO **ASSAD** DE PRAGA RODRIGUES

Rio de Janeiro
2019

Maj Inf ANDRÉ LUIS CRUZ **CORREIA**

As organizações terroristas do novo terrorismo global e os novos desafios para as Forças de Operações Especiais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em, _____, de _____ de 2019.

COMISSÃO AVALIADORA

Gustavo Assad de Praga Rôdrigues - TC Inf - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Gil Valadão Fortes - TC Eng- Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Hélio Ferreira Lima - Maj Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha esposa, meus filhos e minha família, por tudo que representaram na minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido chegar até aqui e ter me concedido a oportunidade de contribuir para o acervo desta escola com um pouco da minha experiência profissional.

Ao meu orientador, pela dedicação, atenção e as orientações oportunas, sem as quais não seria possível a conclusão deste trabalho com a objetividade e clareza necessárias.

À minha esposa Anita e aos meus filhos Luis Fernando, Luis Henrique e André, pela compreensão e apoio nos momentos em que tive que abrir mão de estar próximo para me dedicar a execução deste trabalho.

A todos os amigos que me auxiliaram na conclusão desta tarefa.

RESUMO

A partir do atentado ao “World Trade Center”, em 11 de setembro de 2001, surgiu o novo terrorismo global, que mostrou – se cada vez mais complexo e violento, ultrapassando fronteiras e ampliando sua abrangência, tornando-se um problema relevante no cenário internacional. Nesse contexto, emergiram organizações terroristas como a Al Qaeda, o Estado Islâmico (ISIS) e o Boko Haram, cuja complexidade de suas estruturas, violência e imprevisibilidade de suas ações, passaram a desafiar agências de segurança de diversas partes do mundo. Baseado nisso, o foco deste trabalho foi analisar em que medida as Forças de Operações Especiais deveriam se adequar para enfrentar essas organizações terroristas, tendo como base a análise da estrutura do ISIS, da AL Qaeda e do Boko Haram. Desse modo, foi elaborada uma introdução, que objetivou ambientar o leitor acerca da evolução do terrorismo e suas diversas ondas. Um desenvolvimento, no qual aprofundou-se o estudo do tema Terrorismo e onde foram apresentados os aspectos mais relevantes do ISIS, da Al Qaeda e do Boko Haram. Além disso, foram apresentados o conceito de Forças de Operações Especiais, bem como as principais capacidades destas para atuação nas atividades de prevenção e combate ao terrorismo. Por fim, concluiu-se, baseado no acrônimo DOAMEPI, sobre os principais pontos que essas forças deveriam se adequar para serem mais eficazes no combate às organizações terroristas.

Palavras-chave: Novo Terrorismo Global, Terrorismo, Al Qaeda, Estado Islâmico, Boko Haram e Forças de Operações Especiais.

ABSTRACT

From the attack of the “World Trade Center”, on September 11, 2001, the new global terrorism has emerged, which it has become increasingly complex and violent, crossing borders and broadening its scope, it is presenting itself as a relevant problem to the international environment. In this context, terrorist organizations such as Al Qaeda, the Islamic State (ISIS) and Boko Haram have emerged, whose complexity of their organization, the violence and unpredictability of their actions challenge security agencies of various parts of the world. Based on this, the focus of this work has been analyzed how the Special Operations Forces have to adapt itself to face these terrorist organizations, based on analysis of the structure of ISIS, Al Qaeda and Boko Haram. Thereby, an introduction was elaborated, which aimed to situate the reader about the evolution of terrorism and its various waves. A development, which deepens the study about Terrorism and the most relevant aspects about ISIS, Al Qaeda and Boko Haram. In addition, the concept of Special Operations Forces was presented, as well as the main capabilities required to prevent and combat terrorism. Finally, it was concluded, based on the acronym DOAMEPI, about the main points that these forces should be suitable to be more efficient to fight the terrorist organizations.

Keywords: New Global Terrorism, Terrorism, Al Qaeda, Islamic State, Boko Haram and Special Operations Forces.

LISTA DE ABREVIATURAS

AI	Agência de Inteligência
AJP	Doutrina Conjunta Aliada para Operações Especiais
AQIM	Al Qaeda do Magreb Islâmico
CIA	Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos da América
DA	Ação Direta
EII	Estado Islâmico no Iraque
EIIL	Estado Islâmico no Iraque e do Levante
EUA	Estados Unidos da América
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FM	Manual de campanha do Exército americano
F Op Esp	Forças de Operações Especiais
GCTN	Rede Global de Combate ao Terrorismo
IRA	Exército Republicano Irlandês
ISIS	Estado Islâmico
MI6	Agência Britânica de Inteligência
MUJAO	Movimento Unicidade da Jihad na África Ocidental
OLP	Organização pela Libertação da Palestina
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OPCT	Operações de Prevenção e Combate ao Terrorismo
PBC	Planejamento Baseado em Capacidades
UE	União Européia
VEO	Organizações Extremistas Violentas

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Pretensões do Califado.....	38
Figura 02 – A Estrutura do Boko Haram	43
Figura 03 – Modelo de contraterrorismo.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA.....	16
1.2	OBJETIVOS.....	17
1.2.1	Objetivo Geral	17
1.2.2	Objetivos Específicos	17
1.3	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	17
1.4	RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	17
2	METODOLOGIA	19
3	TERRORISMO	20
3.1	O ATO DE TERROR.....	22
3.1.1	CARACTERÍSTICAS DOS ATOS TERRORISTAS.....	23
3.2	CLASSIFICAÇÃO DO TERRORISMO.....	24
3.3	CONCLUSÃO PARCIAL.....	25
4	AS ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS	27
4.1	A AL QAEDA.....	27
4.2	O ESTADO ISLÂMICO.....	35
4.3	O BOKO HARAM.....	40
4.4	CONCLUSÃO PARCIAL.....	44
5	AS FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS	46
5.1	CONCLUSÃO PARCIAL.....	51
6	CONCLUSÃO	53
	REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

O novo terrorismo global, que surgiu após os atentados de 11 de setembro de 2001, pode ser compreendido como uma nova face do terrorismo que ultrapassou fronteiras e passou a ter abrangência internacional, sendo considerado pela Organização das Nações Unidas como um dos cinco principais problemas do planeta (WOLOSZYN, 2010).

Tal transformação exigiu respostas coordenadas da comunidade internacional que efetivaram, na elaboração de dezenas de convênios, resoluções, protocolos, tratados e convenções regionais a busca de soluções econômicas, políticas e sociais para o fenômeno, na tentativa de extirpá-lo ou de minimizar seus efeitos (WOLOSZYN, 2010).

Para compreender o fenômeno do novo terrorismo no tempo e espaço, é necessário entender como ocorreu a sua evolução. Pode - se dividir a história do terrorismo moderno em quatro ondas: a onda anarquista, a onda anticolonialista, a nova onda esquerda e a onda religiosa (RAPOPORT, 2004).

A primeira onda do terrorismo, a onda anarquista, surgiu na década de 1880, com os movimentos anarquistas na Rússia, que expandiram - se uma década depois para os Balcãs, Europa e Ásia. Neste período, os anarquistas propuseram uma nova forma de comunicação para defesa de seus ideais, abandonando os folhetos e os panfletos até aquele momento utilizados. Essa nova forma de comunicação chamada "*Propaganda by the deed*" consistia na execução da ação terrorista propriamente dita contra agentes do Estado e autoridades governamentais, como a desencadeada contra o Presidente dos Estados Unidos William McKinley, em 1901, em Nova York. Com o intuito de dar uma maior visibilidade a suas ações, os anarquistas usavam métodos e materiais não utilizados por criminosos comuns. A dinamite recém inventada, por exemplo, foi bastante utilizada por eles na época. O uso desse e outros materiais, devido ao grau de risco que submetiam aos perpetradores, transmitia à sociedade o elevado grau de comprometimento daqueles grupos (RAPOPORT, 2004).

O ponto mais alto das atividades terroristas com abrangência internacional na primeira onda ocorreu na década de 1890, chamada de "*Golden Age of Assassination*", quando monarcas, primeiros ministros e presidentes foram tombados por assassinos que se deslocavam facilmente pelas fronteiras. O

financiamento das ações advinha de roubos a bancos e de diásporas espalhadas ao redor do mundo, como os irlandeses residente nos Estados Unidos que financiavam o Exército Republicano Irlandês (IRA). Em consequência, os Estados mais afetados passaram a clamar pela cooperação policial internacional e pelo controle mais efetivo das fronteiras. O presidente Theodore Roosevelt, por exemplo, lançou a primeira tentativa de um esforço internacional para eliminar o terrorismo, embora não obtivesse sucesso, devido a divergência de interesses com Estados como Rússia e Alemanha (RAPOPORT, 2004).

A segunda onda, a onda anticolonialista, surgiu logo após a I Guerra Mundial, com o Tratado de Versalhes. As potências vitoriosas aplicaram o princípio da autodeterminação para derrubar os impérios dos Estados derrotados, em sua maioria na Europa. A porção não europeia daqueles impérios derrotados que foram considerados não prontos para declararem independência, passaram a ser diretamente administrados por essas potências, por meio de "mandatos" da Liga das Nações. Com isso, movimentos de luta pela independência começaram a surgir, tanto nos países administrados, quanto nos vitoriosos. Foi o caso do IRA, na Irlanda, e outros grupos terroristas que surgiram em Israel, Chipre, Argélia, e outros países (RAPOPORT, 2004).

Após a II Guerra Mundial, os mandatos deixaram de existir e as aspirações por independência passaram a ocorrer majoritariamente fora da Europa, como foi o caso da Indochina, da Líbia, dos territórios árabes ocupados pela Grã - Bretanha e França, entre outros. De maneira geral, os movimentos terroristas surgidos na segunda onda tinham motivações anticolonialistas (RAPOPORT, 2004).

As organizações da segunda onda entenderam que necessitavam de uma nova linguagem para descrevê-los, uma vez que o termo terrorista acumulara muitas conotações negativas. O grupo israelense "*Lehi*" foi o último grupo autointitulado terrorista. O Líder do grupo "*Irgun*", grupo sionista rival do "*Lehi*", descreveu seus integrantes como "*freedom fighters*", lutando contra o terror do governo. Essa autodescrição tornou - se tão atraente que grupos terroristas subsequentes fizeram o mesmo, pois a luta anticolonialista parecia mais legítima do que o proposto na primeira onda (RAPOPORT, 2004).

As táticas dos grupos também mudaram na segunda onda, diminuíram - se os roubos a bancos, decorrente do aumento dos apoios financeiros de diásporas de outras partes do mundo. O apoio de grupos étnicos dispersos passou a exercer,

também, maior pressão política para que as demandas dos revoltosos fossem acatadas (RAPOPORT, 2004).

Ainda na segunda onda, as organizações supranacionais passaram a exercer papel relevante no âmbito do terrorismo. A ONU, por exemplo, teve papel decisivo na partilha de território palestino e na criação do Estado de Israel, por ocasião da retirada das tropas britânicas da região (RAPOPORT, 2004).

A terceira onda, a nova onda esquerda, surgiu durante a Guerra do Vietnã, conflito que foi marcado por ações exitosas dos guerrilheiros vietnamitas, adeptos à ideologia socialista de esquerda, contra o poderoso exército americano. Essas ações motivaram jovens do ocidente a questionar o sistema capitalista existente. Vários grupos ocidentais de esquerda - como o "*American Weather Underground*", o "*West German Red Army Faction (RAF)*", o "*Italian Red Brigades*" o "*Japanese Red Army*", e o "*French Action Direct*", tornaram-se vanguarda das massas do Terceiro Mundo, as quais se juntaram para criar movimentos de inspiração marxista-leninista, maoísta e foquista, como foi o caso das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e do Sendero Luminoso, no Peru. O mundo soviético estimulou o surto desses movimentos, oferecendo apoio moral, treinamento e armamento (RAPOPORT, 2004).

Com o término da Guerra do Vietnã, em 1975, os guerrilheiros vietcongues foram "substituídos" pela Organização pela Libertação da Palestina (OLP) como modelo de heroísmo para outros grupos do mundo. Isso se deu pela derrota dos exércitos de três países árabes contra Israel, na Guerra dos Seis Dias, em 1967. Após isso, a OLP passou a ter apoio de diversos países árabes e da União Soviética. Campos de treinamento foram criados pela OLP no Líbano, o que aumentou ainda mais sua esfera de influência (RAPOPORT, 2004).

O modus operandi dos grupos da terceira onda caracterizou -se por ações mais ousadas, denominadas "teatrais". O sequestro foi um exemplo desse tipo de ação. Durante as primeiras três décadas da terceira onda, mais de 700 (setecentos) sequestros ocorreram, principalmente de aviões, em 73 (setenta e três) países, especialmente na Itália, Espanha e América Latina. Crise com reféns tornou - se a característica principal da onda. O sequestro mais memorável ocorreu em 1979, quando o grupo "*Red Brigades*" sequestrou o Primeiro Ministro italiano Aldo Moro. Após o governo se recusar a negociar, ele foi brutalmente assassinado e seu corpo jogado na rua. Também nesse período, o termo

"Terrorismo Internacional" ressurgiu, pois os grupos terroristas passaram a executar mais ações fora de seu território, como fez a OLP, em 1973, ao realizar atentado na embaixada saudita no Sudão (RAPOPORT, 2004).

As organizações supranacionais ganharam maior relevância durante a terceira onda, devido ao esforço empreendido para condenar e banir os atos perpetrados pelos grupos terroristas. O termo "*freedom fighter*" deixou de ser utilizado na ONU e em 1997 foi aprovada a Convenção Internacional para a Supressão de Atentados Terroristas a Bomba, considerado o primeiro grande esforço internacional contra o terrorismo (RAPOPORT, 2004).

A quarta onda teve como principal característica a motivação religiosa. A religião islâmica foi a mais evidenciada no contexto dos atentados executados, embora outras religiões tenham aparecido em alguns ataques, como o do metrô de Tóquio, em 1995, perpetrado pelo "*Aum Shinrikyo*", grupo que combinava temas budistas, cristãos e hindus. No ataque foi utilizado agente químico tóxico, matando 12 (doze) e ferindo 40 (quarenta) pessoas (RAPOPORT, 2004).

A Revolução Islâmica, ocorrida em 1979, foi um marco para o início da quarta onda. Provocada pela comunidade muçulmana shiita, acabou derrubando, no Irã, o regime dos "*Shá*", que era apoiado pelos Estados Unidos. Esse fato estimulou movimentos shiitas no Líbano, na Síria, na Arábia Saudita e no Iraque. Da mesma forma, a invasão do Afeganistão pela União Soviética provocou reação dos muçulmanos sunitas que, com apoio dos Estados Unidos, conseguiram provocar a retirada da União Soviética em 1989 (RAPOPORT, 2004).

A principal tática utilizada pelos terroristas na quarta onda passou a ser o atentado suicida com o uso de explosivos. A quarta onda também representou o desejo da expansão da revolução ocorrida no Irã para o mundo, a fim de expandir os ideais do islã. Os Estados Unidos também surgiram como principal inimigo e alvo das ações terroristas, principalmente, em virtude do seu apoio ao regime dos "*Shá*", no Irã; do apoio a Israel e da boa relação com países sunitas da região, como a Arábia Saudita (RAPOPORT, 2004).

O sentimento antiamericano foi potencializado nos muçulmanos sunitas com a criação da Al Qaeda. Diversos atentados passaram a ser perpetrados pelo grupo terrorista contra os Estados Unidos, na década de 1990, entre os quais se podem citar os realizados contra representações diplomáticas americanas no Quênia e na Tanzânia, em 1998, e contra o World Trade Center, em 1993. Mais

tarde, a Al Qaeda conseguiu seu grande objetivo, executar o maior atentado terrorista da história em solo americano, no dia 11 de setembro de 2001 (RAPOPORT, 2004).

Os atentados de 11 de setembro mudaram o mundo e influíram em tudo que se seguiu em relação ao terrorismo em toda parte, inclusive no Brasil. (WOLOSZYN, 2010).

O dia 11 de Setembro de 2001 foi a data na qual quatro aeronaves civis, sequestradas por terroristas do grupo Al-Qaeda, atacaram os Estados Unidos nos seguintes pontos: duas nas Torres Gêmeas, em Nova York; uma no Pentágono e a última, que provavelmente se dirigia para o Capitólio, em Washington, acabou caindo na Pensilvânia, matando todos os seus ocupantes. Os ataques foram coordenados por Osama Bin Laden, líder do grupo, e causaram a morte de 2.996 pessoas e deixaram mais de 6.000 feridas, tornando - se o maior atentado da história. A partir desse marco, surge o movimento chamado de "Novo Terrorismo" (BEZERRA, 2019).

As principais organizações terroristas que agem conforme o "Novo Terrorismo" cresceram, em sua maioria, na região do Oriente Médio e caracterizam - se pelo elevado grau de fanatismo e extremismo religioso (WOLOSZYN, 2010).

Essas organizações caracterizam-se, também, pela inexistência de causa definida e por ações de extrema violência e radicalismo, fruto de uma visão parcial e distorcida do livro sagrado do Islã, o Alcorão (WOLOSZYN, 2010).

Entre tantos exemplos de grupos do novo terrorismo, podemos citar as seguintes organizações radicais: a "Brigada dos Mártires de Al Aqsa"; o "Al Fatah"; o "Hamás" ou a "Jihad Islâmica", na Palestina; o "Hezbollah" (Partido de Deus), no Líbano; o "Gama" e a "Al Islamiyya", no Egito; a "Al-Qaeda", no Afeganistão, além de seitas como a apocalíptica japonesa "Aum Shirinkyō" (ensino da verdade suprema) que prega a utilização de armas de destruição em massa e o fim da sociedade decadente (WOLOSZYN, 2010).

Pode - se citar ainda, o "Estado Islâmico" (ISIS), que consiste num grupo que chegou a controlar regiões no Iraque e na Síria e baseia sua ideologia em interpretações radicais de determinados princípios do Islamismo. Visando estabelecer um califado naquelas regiões, o ISIS espalhou o terror sobre a população, perseguindo minorias e organizando ataques terroristas em outras partes do mundo (SILVA, 2019).

Para fins de estudo, o presente trabalho estará focado na análise dos grupos terroristas "AL Qaeda", "ISIS" e "Boko Haram", devido a relevância dos ataques perpetrados por seus integrantes e a abrangência de suas ações no contexto mundial.

Devido a complexidade das ações empreendidas pelos grupos terroristas do "Novo Terrorismo", a criação e o emprego de unidades especiais para prevenir e/ou combater seus ataques tornou-se cada vez mais comum. Essas unidades, sejam elas policiais ou das Forças Armadas, passaram a buscar o constante aperfeiçoamento e melhorar suas capacidades para fazer frente as ameaças do novo terrorismo global (BEZERRA, 2019).

Nesse contexto, enfatiza - se a importância das Forças de Operações Especiais (F Op Esp), que tem como missão a execução de Operações Especiais e tem capacidade de realizar Operações de Prevenção e Combate ao Terrorismo (OPCT), em ambientes negados ou politicamente sensíveis às forças convencionais e/ou policiais, por meio de operações de baixa visibilidade, as quais incluem operações de inteligência e ataques físicos a infraestruturas críticas e redes cibernéticas, visando neutralizar motivações ideológicas e outras geradoras do terrorismo (BRASIL, 2017).

1.1 PROBLEMA

Com a globalização das ações terroristas e a mudança das características no modo de agir de seus grupos, as polícias de diversos países criaram e desenvolveram seus próprios grupos especiais. Muitos especialistas acreditam que na luta contra o terrorismo não pode haver padronizações, principalmente pela legislação diferenciada e pela falta de uma definição geral do que seja terrorismo (WOLOSZYN, 2010).

Diante desse contexto, verifica-se a dificuldade em se delinear uma forma de combater esses grupos, entender suas motivações e formas de atuação e, principalmente, prevenir o caos das suas ações.

Com isso, o presente trabalho de conclusão de curso será desenvolvido em torno do seguinte problema: Em que medida as Forças de Operações Especiais devem se adequar para enfrentar as organizações terroristas do novo terrorismo global?

1.2 OBJETIVOS

A fim de elucidar o problema proposto, foram elencados os objetivos do trabalho, conforme se segue abaixo.

1.2.1 Objetivo geral

Estudar as principais organizações terroristas do novo terrorismo global e a maneira como as Forças de Operações Especiais devem enfrentá-las.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Apresentar as principais definições de Terrorismo.
- b) Estudar as principais organizações terroristas do séc XXI (“Al Qaeda”, “ISIS” e “Boko Haram”).
- c) Estudar as Forças de Operações Especiais.
- d) Identificar as adequações necessárias às Forças de Operações Especiais para o combate às organizações terroristas do novo terrorismo global.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo estará limitado às principais organizações terroristas do novo terrorismo global e suas ações pós 11/09, especificamente a “Al Qaeda”, o “ISIS” e o “Boko Haram”, bem como na forma como as Forças de Operações Especiais devem se adequar para combatê-las.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A pesquisa se justifica pela necessidade da manutenção do estudo sobre o tema prevenção e combate ao terrorismo, uma vez que não estão descartadas atividades de cunho terrorista no Brasil. Tal assertiva pôde ser comprovada com a acusação, em 2018, de 11 (onze) brasileiros suspeitos de formação de organização criminosa e promoção do “Estado Islâmico” (ISIS) no Brasil, pelo Ministério Público Federal (MPF) (AUGUSTO, 2018).

O Exército Brasileiro deve manter-se atualizado no assunto e buscar desenvolver capacidades nesta área, uma vez que as Forças Armadas podem ser demandadas pela sociedade em ocorrências desta natureza. Tal afirmação pôde ser constatada por ocasião dos grandes eventos sediados pelo Brasil, como a Rio + 20, a Copa das Confederações da FIFA, a Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos, onde o Exército participou ativamente do planejamento das operações de prevenção e combate ao terrorismo (BRASIL, 2016).

Nesse contexto, faz-se necessário o constante aprimoramento dos militares brasileiros no assunto, o que permitirá um melhor acompanhamento do contexto internacional, tornando - o mais preparado para planejar, em todos os níveis, as ações contraterrorismo.

2 METODOLOGIA

Seguindo a taxionomia de Vergara (2009), a metodologia de pesquisa empregada na confecção do presente trabalho foi qualitativa, pois teve como base a análise de documentos, artigos, relatos e entrevistas relacionados aos aspectos do novo terrorismo global. Explicativa, já que buscou entender as ações da “Al Qaeda”, do “ISIS” e do “Boko Haram”, bem como as adequações necessárias às Forças de Operações Especiais na prevenção e combate ao terrorismo. Além disso, o presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que teve sua fundamentação teórico-metodológica na investigação sobre os assuntos relacionados ao novo terrorismo global, manuais e artigos de acesso livre ao público em geral, incluindo-se nesses os disponibilizados pela rede mundial de computadores; e documental, pois foram utilizados documentos, artigos e trabalhos conservados em órgãos públicos e privados de qualquer natureza ou pessoas.

O método escolhido possui limitações, devido ao fato de se tratar de uma pesquisa bibliográfica que se limitou às consultas realizadas pelo autor, não contemplando, dentre outros aspectos, o estudo de campo. Além disso, o fato de a monografia basear-se em aspectos qualitativos, fez com que a conclusão fosse resultado de uma interpretação do autor acerca dos dados coletados durante a pesquisa. No entanto, procurou - se variar as fontes o máximo possível, a fim de se obter opiniões contundentes, o que possibilitou o alcance dos objetivos propostos no presente trabalho.

A seguir serão analisadas as organizações terroristas do novo terrorismo global e as Forças de Operações Especiais, concluindo sobre as adequações necessárias a estas Forças para combater as organizações terroristas.

3. TERRORISMO

O terrorismo não é algo recente. Conforme abordado no início do presente estudo, verifica - se que é um fenômeno que passou por um processo de transformação, baseado em motivações diversas e em objetivos difusos. Nesse contexto, o presente capítulo tratará sobre aspectos conceituais do terrorismo para que se possa entender as diversas formas de definí-lo.

Em termos conceituais, a evolução da abordagem internacional do fenômeno do terrorismo está diretamente relacionada com a crescente codificação do direito internacional no século passado. A evolução do direito internacional no sentido da contratualização das relações entre os Estados, em consonância com o princípio jurídico da segurança jurídica e da eliminação da guerra como instrumento de resolução de conflitos internacionais, fez com que os costumes e peculiaridades de cada Estado ficassem em segundo plano. Com isso, instituiu-se a ideia do que vem a ser o terrorismo de fato e não do que cada Estado possa interpretar (MILHOMEN, 2019).

Apesar do direito internacional tentar instituir uma definição única acerca do que vem a ser o Terrorismo, sabe - se que nos pormenores não há completa unanimidade acerca do assunto. A fim de se constatar tal assertiva, pode-se observar, a seguir, o conceito de Terrorismo segundo alguns Estados:

- O Departamento de Estado dos Estados Unidos da América define terrorismo como violência premeditada e politicamente motivada, perpetrada contra alvos não combatentes, por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar uma audiência. Já o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, define - o como calculado uso da violência ou da ameaça de sua utilização para inculcar medo, com a intenção de influenciar uma audiência (VISACRO, 2009).

- Para a Organização das Nações Unidas (ONU) o terrorismo é um crime comum e não um crime de natureza política, reflexo disso é que não se admite asilo, mas sim extradição. Diante disso, para diferenciar o ato terrorista do crime comum, diversos juristas amparam seus argumentos com foco no grau de violência e nos meios utilizados (WOLOSZYN, 2010).

- Na legislação brasileira, terrorismo é conceituado como prática de atos de terrorismo por um ou mais indivíduos, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de

provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública (BRASIL, 2016).

- A Agência Brasileira de Inteligência também já definiu terrorismo como sendo ato premeditado, ou sua ameaça, por motivação política e/ou ideológica, visando atingir, influenciar ou coagir o Estado e/ou a sociedade, com emprego de violência. (VISACRO, 2009, p.275).

- Na Inglaterra, a Lei de Prevenção ao Terrorismo, aprovada em 1989, considera-o como “o uso da violência para fins políticos e inclui qualquer uso da violência com o propósito de impor medo no público ou em parcela dele” (WOLOSZYN, 2010).

- O governo do Reino Unido também define terrorismo como o uso da força ou sua ameaça com o objetivo de fazer avançar uma causa ou ação política, religiosa ou ideológica que envolva violência séria contra qualquer pessoa ou propriedade (VISACRO, 2009).

- Ainda que a Inglaterra apresente um conceito de Terrorismo, a União Europeia (UE), bloco a qual integra, apresenta um conceito mais abrangente, afirmando que terrorismo é todo ato intencional doloso, que, por sua natureza ou contexto, pode atingir gravemente um país ou uma organização internacional, quando o autor comete o ato com o fim de intimidar gravemente uma população ou quando a ação cometida obriga indubitavelmente os poderes públicos ou uma organização internacional a realizar um ato ou a abster-se de fazê-lo, e se desestabilizam ou se destroem as estruturas políticas fundamentais, constitucionais e econômicas ou sociais de um país ou organização internacional (WOLOSZYN, 2010).

- Em Israel, a Lei Penal trata o terrorismo como crime contra a segurança e os segredos de Estado, contra autoridades governamentais, propriedades, meios de transporte e de comunicações e associações corporativas (WOLOSZYN, 2010).

Saber as raízes das causas do terrorismo, em primeiro lugar, depende da definição de terrorismo. Como o terrorismo é bastante contestado no discurso político e uma vez que não há uma definição legal universalmente aceita nas Nações Unidas, as contradições sobre as causas continuarão (SCHIMIDT, 2005).

3.1 O ATO DE TERROR

A complexidade da definição do Terrorismo de igual forma reflete quando se tenta identificar o que seria um ato de terror. A maioria da população associa o ato de terror a explosões e massacres, mas seria apenas isso?

Segundo Visacro (2009), definir com exatidão o ato de terror, assim como o terrorismo, torna-se bastante complexo. No entanto, o ato de terror fica mais elucidativo se buscarmos compreender seus elementos constitutivos, que são os seguintes:

– **Agente perpetrador:** refere-se às organizações militantes ou criminosas, não necessariamente qualificadas como terroristas. No caso do “terror de Estado”, compreende as agências governamentais ou seus associados, que se utilizam da força coercitiva de maneira ilegal, como as polícias políticas, os grupos de extermínio ou os esquadrões da morte, por exemplo.

– **Clandestinidade:** refere-se à ilegalidade ou o “caráter sub-reptício”.

– **Violência real ou presumida:** refere-se ao emprego sistemático da violência ou pela ameaça de seu uso, que se inseridos em um contexto específico, tipificam um atentado terrorista.

– **Alvo(s) primário(s):** refere-se ao objeto imediato da ação, podem ser pessoas ou grupos de pessoas; determinado segmento da sociedade; categoria profissional, como magistrados, policiais, militares e funcionários públicos; instalações civis ou militares; bens públicos ou privados; veículos etc.

– **Publicidade:** consiste em um dos principais objetivos do ato terrorista, uma vez que é ela que fornece a ligação entre o efeito do ataque ao alvo primário e o público-alvo. Um ato terrorista necessita de publicidade. Assim, a mídia opera como agente catalisador, sem o qual os danos nocivos da ação se tornariam bem menores. O terrorismo doméstico visa a publicidade nos níveis local e nacional. Dessa forma, um ato de violência perpetrado em um bairro carente da periferia de um grande centro urbano com o objetivo de coagir a população daquela região, por exemplo, poderá ter sua divulgação restrita àquela área geográfica, no entanto, se for divulgado a contento, por meio do contato interpessoal, caracterizará uma ação terrorista bem-sucedida. Diferentemente, o terror internacional necessita de projeção mundial, o que faz com que as ações sejam mais impactantes e os alvos mais significativos.

– **Público-alvo:** refere - se às pessoas ou grupo de pessoas, opinião pública interna ou internacional, categoria profissional, agentes do Estado, entre outros, que o agente perpetrador busca influenciar ou alterar comportamento. Em geral, um atentado é concebido para atingir, ao mesmo tempo, diferentes públicos-alvo.

– **Meta psicológica:** consiste na maneira como as atitudes ou posturas do público-alvo poderão ser alteradas ou como suas tendências comportamentais poderão ser reforçadas diante dos resultados do ataque. A incapacidade ou ineficiência de um Estado, o fracasso dos esforços para conter a violência ou erradicar as ameaças representadas pelas organizações militantes e a existência de um poder paralelo capaz de exercer efetivo controle sobre determinadas áreas e sobre parcela da população civil são algumas das idéias que podem ser utilizadas como metas psicológicas para influenciar determinado público-alvo. Portanto, conforme afirmou Charles Towshend: “a pergunta crucial sobre o processo do terror não é sobre quanto dano ele causou, e sim que mensagem o dano transmitiu”.

Inúmeras são as maneiras de se realizar o ato de terror ou atentado. Eles podem ser desencadeados por meio de ações incendiárias, sequestro ou abate de aeronaves, ações utilizando artefatos explosivos, sabotagem em instalações, ações utilizando agentes químicos e biológicos, emboscadas para eliminar autoridades ou agentes de Estado e de organizações internacionais, além das formas menos tradicionais, como os ataques cibernéticos, ameaças e notícias falsas. Agências internacionais levantaram que 70% dos atentados no mundo são cometidos com artefatos explosivos, 18% com armas de fogo e sequestros, 10% por meio de ameaças e de notícias falsas e 2% com o emprego de agentes químicos e biológicos (WOLOSZYN, 2010).

3.1.1 CARACTERÍSTICAS DOS ATOS TERRORISTAS

Os atos terroristas, segundo especialistas europeus, possuem quatro características básicas, independente de sua classificação, tipos e objetivos. A primeira característica refere-se a natureza indiscriminada, pois qualquer pessoa pode ser alvo de suas ações. A segunda diz respeito a imprevisibilidade e arbitrariedade, uma vez que as ações violentas ocorrem de maneira repentina, provocando uma sensação de insegurança permanente. A terceira refere - se à gravidade dos atos e

suas consequências, já que o objetivo é instaurar o medo e o pânico, na maioria das vezes, por meio de métodos cruéis, a fim de dar maior publicidade à causa que o motivou. A quarta característica é o seu caráter amoral e de anomia, pois não existe respeito a valores morais da sociedade (WOLOSZYN, 2010).

3.2 CLASSIFICAÇÃO DO TERRORISMO

O Terrorismo é classificado de diversas maneiras por diversos autores e Estados.

Os Estados Unidos, após o “*USA Patriotic Act*”, decreto assinado pelo presidente George W. Bush, logo após o 11 de setembro, classificaram o terrorismo em internacional, transnacional e federal (WOLOSZYN, 2010).

Segundo o mesmo raciocínio, a doutrina de inteligência brasileira classificou o terrorismo em internacional, quando os incidentes e ramificações transcendem as fronteiras nacionais; nacional ou doméstico, quando praticado no próprio país e contra seus próprios habitantes; e de Estado, quando existe apoio de um "Estado patrocinador" (WOLOSZYN, 2010).

Segundo Carvalho (2019), estudiosos classificaram o terrorismo em quatro formas:

- **Terrorismo revolucionário:** surgiu no século XX e seus praticantes ficaram conhecidos como guerrilheiros urbanos marxistas (maoístas, castristas, trotskistas e leninistas);

- **Terrorismo nacionalista:** fundado por grupos que desejavam formar um novo Estado-nação dentro de um Estado já existente (separação territorial), como no caso do grupo terrorista separatista ETA, na Espanha (o povo Basco não se identifica como espanhol, mas ocupa o território espanhol e é submetido ao governo da Espanha);

- **Terrorismo de Estado:** praticado pelos Estados nacionais e seus atos integram duas ações. A primeira seria o terrorismo praticado contra a sua própria população. Foram exemplos dessa forma de terrorismo: os Estados totalitários Fascistas e Nazistas. A segunda seria contra a população estrangeira (xenofobia);

- **Terrorismo de organizações criminosas:** atos de violência praticados para fins econômicos e religiosos, como nos casos da máfia italiana, do Cartel de Medellín, da Al-Qaeda etc.

De uma maneira mais detalhada e considerando a abrangência dos conceitos, alguns autores preferem classificar o terrorismo levando - se em conta o contexto em que está inserida determinada ação. Essa forma de classificação permite ao leitor uma visão mais didática do assunto. Usando essa abordagem, Visacro (2009) classifica o terrorismo da seguinte maneira:

- Quanto à amplitude, classifica o terrorismo em internacional, quando a preparação, o financiamento, as consequências e as ramificações transcendem as fronteiras nacionais; e nacional ou doméstico, quando os atos de violência são praticados por terroristas dentro do seu próprio país e contra seus próprios compatriotas.

- Quanto à motivação, classifica o terrorismo em terrorismo de estado, quando ocorre o emprego ilegítimo da força coercitiva, aplicada por agências estatais de segurança, com o propósito preservar governo vigente e neutralizar a oposição política interna; terrorismo político-ideológico (secular), evidenciado nos movimentos marxistas revolucionários do século XX; terrorismo político-religioso, o qual está associado à militância política islâmica fundamentalista; narcoterrorismo forma de terrorismo financiada pelo tráfico de drogas e, especificamente, orientada para a manutenção ou expansão dos lucros gerados por essa atividade; e terrorismo autotélico, que refere-se ao ato de terror desprovido de sólida motivação política, religiosa ou ideológica.

- Quanto ao alvo ou à natureza do ataque, classifica o terrorismo em seletivo, quando as organizações terroristas restringem seus ataques ou campanhas de atentados a alvos específicos, limitando, sobretudo, os danos colaterais a vítimas inocentes, com vistas a não atrair a reprovação generalizada da opinião pública; e terrorismo indiscriminado, quando os atentados são perpetrados com o propósito explícito de vitimar o maior número possível de “não-combatentes.

3.3 CONCLUSÃO PARCIAL

Conclui-se, parcialmente, que o entendimento do que significa o termo Terrorismo não é unânime, uma vez que os Estados, influenciados por suas características culturais, adequam os aspectos conceituais do terrorismo às suas respectivas legislações e realidades vividas por seus compatriotas.

Além disso, o ato de terror, no contexto do novo terrorismo global, tem como característica principal o elevado grau de complexidade, uma vez que baseia - se em princípios convenientes para quem defende a causa, não se levando, muitas vezes, em consideração o grau de violência e os princípios morais, éticos ou sociais do ambiente onde está localizado o alvo. Outrossim, observa – se que o ato de terror objetiva, de maneira geral, criar um clima de insegurança e temor generalizado para demonstrar inconformismo contra determinado sistema e viabilizar as aspirações de determinado grupo ou organização. O alcance do terrorismo é amplo e seus atos e efeitos podem impactar nos mais variados campos, entre eles o político, o religioso, o social e o econômico.

4. AS ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS

4.1 A “AL QAEDA”

A “Al Qaeda” ou “A Base” foi fundada em 1982, no Paquistão, para agregar combatentes voluntários de países árabes e de antigas repúblicas socialistas soviéticas durante a Guerra do Afeganistão (WOLOSZYN, 2010).

Os antecedentes da “Al Qaeda” estão em movimentos islâmicos que se opõem aos regimes severos do Oriente Médio, especialmente aqueles do Egito, Arábia Saudita e Argélia, portanto, desde o início, aprendeu a pensar e agir muito rapidamente para sobreviver (GUNARATNA, 2002).

Apesar de mais de 100 (cem) suspeitos ativistas da “Al Qaeda” terem sido presos na América do Norte e Europa em seis meses após os ataques de 11 de setembro, a “Al Qaeda” regenerou novas células bem como sustentou muitas das suas mais antigas. Embora tenha sido enfraquecida em um nível prático, sua ideologia permaneceu inalterada e continuou a atrair muçulmanos, especialmente jovens (GUNARATNA, 2002).

A “Al Qaeda” teve um bom começo: herdou um treinamento completo e infraestrutura operacional orientada e financiada pelos EUA, Europa, Arábia Saudita e outros governos ao longo dos anos 80, enquanto que para o recrutamento ela se baseou na vasta base de dados “*mujahidin*” originalmente criado por Osama para rastrear “*mujahidin*” desaparecidos nas fases posteriores da “*jihad*” anti-soviética. Por cerca de cinco anos, até 1993, a “Al Qaeda” manteve seu próprio ímpeto e nenhum governo ou grupo rival tentou interromper seu crescimento. No entanto, em 1994, o Egito, a Arábia Saudita e outros governos do Oriente Médio atacaram a organização quando perceberam a ameaça que representavam (GUNARATNA, 2002).

Desde o assassinato de Abdullah Azzam, em 1989, Osama Bin Laden foi a espinha dorsal e principal força motriz da “Al Qaeda”. Embora seu objetivo final fosse o restabelecimento do califado, ele começou a apoiar campanhas contra os “falsos” governantes muçulmanos (por exemplo, Arábia Saudita, Egito, Tajiquistão, Uzbequistão, Argélia) e a assistir muçulmanos vitimados por regimes não muçulmanos (por exemplo, Filipinas, Caxemira, Bósnia e Chechênia). A “Al Qaeda” também forjou uma coalizão ligando islamistas militantes do “Abu Sayyaf”, grupo das Filipinas, com o “Grupo Islâmico do Egito” e o “GIA”. Na Chechênia, eles constituíram

o “*Al Ansar*” (os seguidores do Mahdi eram conhecidos como “Ansar”), o mais violento dos três principais grupos “*mujahidin*”, responsáveis por quase todos os atentados suicidas a bomba. Na Bósnia, os “*mujahidin*” treinados pela “Al Qaeda”, consideravam seus colegas europeus como não forjados pela batalha ou zelosos o suficiente e, portanto, desenvolveram um manual da “*jihad*”, a fim de ajudá-los a se tornarem muçulmanos e guerreiros melhores (GUNARATNA, 2002).

O termo talibã significa “pessoas em busca de conhecimento”, ou seja, “estudantes”. É uma corrente de pensamento político-religioso radical, disseminado pelos países do Golfo Pérsico desde 1879, por meio dos “*madraçais deobanditas*” (escolas islâmicas conservadoras). Seu crescimento acelerado ocorreu no Paquistão e congregou, a partir da década de 1980, milhares de jovens muçulmanos, com recursos financeiros de países árabes, principalmente da Arábia Saudita, como estratégia para a difusão e o fortalecimento das correntes salafitas, considerada a linha ultraconservadora do Islã (WOLOSZYN, 2010).

O financiamento tornou-se atrativo para as milhares de crianças afegãs refugiadas e para uma população paquistanesa extremamente pobre. As crianças viram nas “*madraçais*” a única oportunidade de serem educadas gratuitamente, local onde eram oferecidos também alimentação e alojamento. Os ensinamentos religiosos nessas escolas criaram uma visão de mundo extremamente radical em relação ao Alcorão e às sociedades e Estados não muçulmanos. Os estudos passaram a abranger ensinamentos de ações e táticas militares e de terrorismo (utilização de artefatos explosivos, sabotagem, entre outros) (WOLOSZYN, 2010).

A infraestrutura organizacional e operacional da “Al Qaeda” difere significativamente de outros grupos guerrilheiros ou terroristas. Difícil de ser detectada e combatida, a organização desafiou agências policiais de todo o mundo. A “Al Qaeda” também é caracterizada por uma ideologia de base ampla, uma estrutura nova, uma capacidade robusta para a regeneração e uma organização muito diversificada. Não é um grupo único nem uma coalizão. Constituiu – se de uma base central no Afeganistão com células terroristas em todo o mundo e apoiados por outros grupos terroristas, em grande parte independentes, que recorrem a ações ofensivas e outras atitudes (GUNARATNA, 2002).

O comando da “Al Qaeda” é exercido através de uma estrutura de liderança vertical que fornece direção estratégica e apoio tático à sua rede horizontal de células compartimentadas e organizações associadas. Sua mobilidade e capacidade de

regeneração foram bem ilustradas após a organização ter perdido sua influência no Paquistão, no final de agosto de 1998. Imediatamente se realocou para o Afeganistão e, após a intervenção americana, naquele país, a partir de outubro de 2001, suas células regionais passaram a oferecer liderança, recrutamento, treinamento e logística para a rede global, permitindo que a organização funcionasse em grande parte sem perturbações (GUNARATNA, 2002).

Quando foi formado pela primeira vez, o grupo era conhecido como "Al Qaeda" e o "Exército Islâmico", mas Osama desencorajou o uso do último termo. Seu imediato foi um iraquiano, Abu Ayoub Al-iraquiano, que era o Emir nomeado. Tendo se distinguido na batalha contra os soviéticos, inclusive na linha de frente em Jaji, ele convocou a primeira reunião de recrutamento para a "Al Qaeda". Isto foi realizado no campo de Farook em Khost, Afeganistão, no final de 1989, quando alguns veteranos de confiança da campanha afegã foram convidados a participar. Farook era o local onde os recrutas eram doutrinados ideologicamente antes de se deslocarem para outros campos de treinamento, a fim de se adestrarem para ações contra os russos (GUNARATNA, 2002).

Ainda em 1998, a "Al Qaeda" foi reorganizada em quatro divisões distintas, mas interligadas. A primeira consistiu em uma estrutura piramidal para facilitar a direção estratégica e tática; a segunda era uma rede terrorista com alcance global; a terceira foi a constituição de uma força de guerrilha para combater dentro do Afeganistão; e a quarta consistiu em uma coalizão transnacional de terroristas e grupos terroristas (GUNARATNA, 2002).

A estrutura piramidal foi organizada da seguinte forma: Imediatamente abaixo do Emir-Geral estava a "*shura majlis*", ou conselho consultivo, que foi constituída de membros muito experientes, como o integrou o atual líder da organização Dr Ayman al-Zawahiri. Imediatamente subordinado a "*shura majlis*", foram constituídos quatro comitês operacionais: militar; finanças e negócios; "*fatwa*" e estudo islâmico; e mídia e publicidade, que asseguraram a rotina da "Al Qaeda", cada um liderado por um Emir. O comitê militar era o responsável por treinar, transportar, lançar operações militares, planejar e executar ataques, bem como alocar instrutores, armas e outros recursos, com o objetivo de apoiar outros grupos e agentes fora do Afeganistão (GUNARATNA, 2002).

Com uma organização fluida e dinâmica, orientada mais por objetivos do que por regras, a "Al Qaeda" esteve sempre sujeita a mudar sua estrutura, de acordo com

circunstâncias. Essa estrutura evoluiu consideravelmente desde bombardeios no Leste da África, mas os “*shura majlis*” e as quatro comissões persistem. Embora Osama tivesse sentido a necessidade de expandir suas operações, ameaças a sua segurança reprimiram muitas de suas atividades manifestas e ele e a “Al Qaeda” tornaram-se cada vez mais clandestinos, optando por operar de forma coberta, com exceção de suas atividades no Afeganistão (GUNARATNA, 2002).

O comitê de finanças e negócios gerencia os recursos financeiros necessários para sustentar a organização. A “Al Qaeda” estabelece bases na maioria dos países com comunidades muçulmanas nativas ou migrantes; sua infiltração é evidenciada onde quer que os muçulmanos vivam e trabalhem. A organização nunca pode operar isoladamente e como a preparação de um atentado terrorista requer apoio financeiro, técnico e logístico, deve ser planejado com anos de antecedência (GUNARATNA, 2002).

No Oriente Médio, especialmente no Golfo, a “Al Qaeda” tem apoio público, embora oculto, e também recebe ajuda prática de filantropos e fundações islâmicas, principalmente dos Emirados Árabes Unidos e da Arábia Saudita. De maneira geral, suas estratégias de infiltração em diversos países do mundo estão ligadas ao fornecimento de bens e serviços para muçulmanos locais e a arrecadação de dinheiro para muçulmanos que passam dificuldades no exterior. Essas canalizações de fundos oferecem oportunidades plausíveis para a construção de apoio e recrutamento (GUNARATNA, 2002).

Serviços de inteligência e de segurança do mundo inteiro, incluindo a CIA e MI6, admitem jamais ter encontrado uma rede financeira global terrorista tão sofisticada quanto a da “Al Qaeda”. Comparações com outras redes desse tipo revelam que essa organização terrorista construiu a mais complexa, robusta e resiliente rede financeira já vista. Para facilitar suas transações, muitos negócios e bancos no Golfo foram usados como “fachadas”, permitindo à “Al Qaeda” realizar transações de forma coberta (GUNARATNA, 2002).

A rede fiscal global da “Al Qaeda” é gerenciada por seus agentes financeiros regionais, caracterizados por simpatizantes ricos, que possuem investimentos em todo o mundo, principalmente na Cingapura, Malásia, Filipinas, Etiópia e Golfo Pérsico. Além disso, a organização arrecada fundos por meio de fraudes, como ocorre na Europa, onde são realizadas irregularidades em cartão de crédito, praticadas por simpatizantes argelinos, que já chegaram a levantar um milhão de dólares por mês,

montante esse direcionado para bancos no Oriente Médio e Paquistão. Cabe ressaltar que esses fraudadores foram treinados em campos de treinamento no Afeganistão, onde as técnicas são aperfeiçoadas e tornam esses membros cada vez mais profissionais (GUNARATNA, 2002).

A “Al Qaeda” também arrecada fundos por meio de negócios legais como, por exemplo, por meio de sua rede mundial de investimentos e pequenas empresas, como a de barcos de pesca em Mombaça, no Quênia; investimentos na indústria de equipamentos hospitalares, na Suécia; produtos lácteos, na Dinamarca; e fábricas de papel, na Noruega. A organização também levantou quantias significativas ao se infiltrar em ONGs islâmicas em todo o mundo, as quais incluiu a “*Mercy International*”. A “*Mercy International*” apoiou orfanatos, escolas, hospitais, mesquitas e centros de refugiados na Somália (GUNARATNA, 2002).

O sucesso da “Al Qaeda” na condução de guerrilha e ataques terroristas é em grande parte devido à ênfase rigorosa na formação e reciclagem. Eles já produziram vários manuais de treinamento, entre eles a sua referência padrão, o multi-volume de sete mil páginas “*Encyclopaedia of the Afghan Jihad*”. Os primeiros dez volumes abrangem táticas; segurança e inteligência; armas portáteis; primeiros socorros; explosivos; granadas e minas; blindados; fabricação (de armas e explosivos); topografia e sobrevivência; e armas (geral). O referente a treinamento terrorista é extenso: uma seção sobre táticas intitulada “*O efeito das condições do deserto sobre as operações*” é subdividida nas seguintes seções: avanço; ataque; defesa; retirada; movimento e transporte; falta de água; suprimentos; e manutenção (GUNARATNA, 2002).

Como a Al Qaeda opera em uma ampla gama de ambientes, dado seu alcance global, a enciclopédia serve para ambiente urbano, não-urbano, de montanha, deserto e terrenos da selva. Da mesma forma, o volume de explosivos classifica-os de acordo com suas características naturais, uso, velocidade de detonação, composição e assim por diante. Uma seção ilustra como armadilhar itens como uma câmera, um rádio, um livro, um maço de cigarros, uma garrafa de vinho, um apito, um equipamento eletrônico, uma tocha, um bolo, uma barra de chocolate, um tubo de pasta de dente, uma escova de cabelo, uma mobília, um aquecedor doméstico e assim por diante. A partir de objetos minúsculos, a enciclopédia instrui como bombardear grandes edifícios, estátuas e pontes, assim como abater aviões com mísseis *Stinger* (GUNARATNA, 2002).

Ao longo da obra, é simples e claramente escrito que o leitor não precisa ser altamente esclarecido para atuar a partir das instruções. Muito do que consta no material é obtido de manuais militares dos EUA e da Grã-Bretanha, especialmente a série americana FM (manual de campanha). A “Al Qaeda” usa outro manual, o *"Declaration of Jihad against the Country's Tyrants (Military Series)"*, exclusivo para operações terroristas. Dedicado aos jovens muçulmanos puros, crentes e que lutam pela causa de Allah, as dezoito lições incluem uma introdução geral; qualificações e características necessárias para os membros da organização; moeda e documentos falsos; organização de bases militares, apartamentos e outros lugares; ocultação, meios de comunicação e transporte; treinamento com armas: medidas relacionadas à compra e transporte; segurança dos membros; planos de segurança; definição de operações especiais; espionagem (1): coleta de informações usando métodos abertos; espionagem (2): coleta de informações usando métodos ocultos; assassinatos usando venenos e arma branca; métodos de tortura; e prisões e centros de detenção (GUNARATNA, 2002).

A “Al Qaeda” acredita que se deve formar combatentes com a resiliência mental necessária para se sacrificarem. A maioria dos pilotos do 11 de setembro e seus cúmplices não passaram por treinamento militar extenso, no entanto, seu condicionamento psicológico e vontade de morrer por Allah foram consideradas as prioridades operacionais. Embora todos os membros da “Al Qaeda” sejam muçulmanos sunitas, eles cooperam com muçulmanos xiitas e, ocasionalmente, com terroristas não muçulmanos ou organizações criminosas. No entanto, essas relações não são estratégicas, mas sim táticas. Exemplos incluem ligações da Al Qaeda com o Hezbollah e *"The Liberation Tigers of Tamil Eelam (LTTE)"* (GUNARATNA, 2002).

Outro indicador da eficácia da “Al Qaeda” evidenciado no manual é que após a execução de uma operação, num local e hora especificado, um relatório completo, identificando os pontos fortes e fracos do ataque, é confeccionado e enviado para o chefe da organização para que seu efeito possa ser medido e a eficácia nas operações futuras seja melhorada. O desempenho de cada indivíduo do quadro da “Al Qaeda” é avaliado com o propósito de recompensar ou repreender por sua conduta; aqueles considerados fracos ou preguiçosos são dispensados (GUNARATNA, 2002).

A “Al Qaeda” teve como principais áreas de atuação as regiões da África e do Oriente Médio e os principais atentados perpetrados foram à embaixada dos EUA no

Quênia e na Tanzânia, em 1998, e ao World Trade Center, em 2001 (WOLOSZYN, 2010).

A rede terrorista global da “Al Qaeda” adere estritamente ao modelo de células, também conhecido como cluster, cujos membros não se conhecem, de modo que se um membro de determinada célula for pego, as outras células não serão afetadas e o trabalho continua normalmente. Os membros nunca se reúnem em um mesmo lugar; não conhecem de fato uns aos outros; nem estão familiarizados com os meios de comunicação usados entre o líder da célula e cada um de seus membros (GUNARATNA, 2002).

Agências de inteligência ocidentais dependem fortemente de métodos técnicos de coleta de informação, já que a “Al Qaeda” emprega formas de comunicação não detectáveis eletronicamente e usam, principalmente, o contato pessoal (GUNARATNA, 2002).

A maioria dos ataques da organização se desenrolam em três fases distintas. Primeiro, equipes de inteligência montam vigilância, seja em um alvo estático ou em movimento. Baseado no alvo obtido pela inteligência, a equipe de ataque ensaia sua operação em um campo da “Al Qaeda”, normalmente em um modelo parecido com o alvo a ser atacado. Em seguida, uma equipe de apoio da organização chega na área do alvo e organiza aparelhos e veículos, trazendo consigo as armas e explosivos. Por fim, a equipe de ataque chega e se retira depois de completar a missão, a menos que seja um ataque suicida. Como a exfiltração da equipe de ataque em um ambiente hostil é muito difícil, o suicídio provavelmente continuará a ser a tática preferida da organização (GUNARATNA, 2002).

Para compreender a mentalidade dos voluntários da “Al Qaeda” é preciso apreciar o sistema de crenças e ideologia do grupo, que é fundamentada no islamismo e na busca da “*jihad*”. Vários islâmicos, incluindo a “Al Qaeda”, tem interpretado erroneamente a “*jihad*” como “guerra santa”. A “*Jihad*” é o esforço de um esforço máximo para atingir um objetivo ou repelir algo detestável. Na “*sharia*”, “*jihad*” compreende o sacrifício pessoal supremo, a fim de elevar a palavra de Allah, para ajudar na sua luta. Como Abud Dawud disse: “realize a “*jihad*” contra os pagãos com a vossa riqueza, vós e as vossas línguas.” (GUNARATNA, 2002).

Os principais objetivos da “*jihad*” são remover a opressão e a injustiça; estabelecer justiça, bem-estar e prosperidade; e eliminar barreiras à propagação de verdade. No Alcorão - a palavra de Deus revelada ao Profeta Muhammad – “*jihad*” é

usado em vários contextos diferentes. Estes incluem reconhecer e amar o Criador, resistindo à pressão dos pais, pares e da sociedade; permanecendo firmemente no caminho reto; lutando por ações religiosas; tendo a coragem e a firmeza de transmitir a mensagem do Islã; defendendo o Islã e a comunidade; ajudando amigos que não podem ser muçulmanos; removendo governantes traiçoeiros do poder; ganhando a liberdade de informar, educar e transmitir a mensagem do Islã em um ambiente aberto e livre, libertando assim as pessoas da tirania. O terrorismo, o assassinato deliberado de não-combatentes, é proibido no Alcorão, a menos que caiam na categoria de conspiradores: *"E lute, no caminho de Allah, aqueles que lutam contra você e não transgridem limites"* (GUNARATNA, 2002).

Em relação ao recrutamento, a "Al Qaeda" atribui grande importância à propaganda, com o objetivo de fazer jovens muçulmanos refletirem sobre o estado de suas sociedades. Assim, atribui a maior infelicidade e decadência das sociedades muçulmanas ao abandono da *"jihad"*, devido ao amor deste mundo e à aversão à morte. Por causa disso, os tiranos ganharam domínio sobre os muçulmanos em todos os aspectos e em todas as terras (GUNARATNA, 2002).

As oito principais razões para se unir à *"jihad"* são: primeiro, para que os não-crentes não dominem; segundo, por causa da escassez de mão de obra; terceiro, medo do fogo do inferno; quarto, cumprir o dever da *"jihad"* e responder ao chamado de Allah; quinto, seguir os passos dos predecessores piedosos; sexto, estabelecer uma fundação sólida como base para o Islã; sétimo, proteger aqueles que são oprimidos na terra; e oitavo, buscar o martírio (GUNARATNA, 2002).

Aqueles que lideraram a *"jihad"* no Afeganistão foram considerados os filhos do movimento islâmico - os religiosos estudiosos e *"hafiz"* (aqueles que memorizaram o Alcorão). Mesmo aqueles que desejaram lutar em outro lugar foram atraídos primeiro para servir no Afeganistão e depois voltaram ao conflito regional de sua escolha (GUNARATNA, 2002).

Desde o 11 de setembro, muitos grupos islâmicos, partidos e regimes têm sido cautelosos em sinalizar sua aproximação com a "Al Qaeda", por medo de derrubar a ira da América em suas cabeças. No entanto, eles apoiam suas metas e objetivos e a organização continua mantendo ligações com muitos deles (GUNARATNA, 2002).

4.2 O “ESTADO ISLÂMICO (ISIS)”

O “Estado Islâmico” originou-se de um dos braços da “Al Qaeda” e, até pouco tempo, foi a maior e mais atuante organização terrorista no cenário internacional. As ações do “ISIS” deixaram o ocidente, principal alvo de seus atentados, em estado de alerta constante, principalmente em decorrência da dificuldade em identificar a estrutura da organização, bem como o planejamento de suas ações (REZENDE, 2017).

O “ISIS” era sunita e sua emergência se deu no contexto da derrubada do governo sunita de Saddam Hussein, no Iraque, após a invasão dos EUA, que favoreceu a assunção de um governo xiita ilegítimo. Além disso, na Síria, tal ascensão se deu devido a guerra civil e a insatisfação com governo de minoria, Alauita que marginaliza os sunitas, cada vez mais pobres (FERNANDINO, 2017).

A ideologia do Estado Islâmico se desenvolveu dentro do contexto da insurgência iraquiana do início dos anos 2000. Este período viu a chegada ao Iraque de uma geração mais jovem de “*jihadis*” influenciada pela tensão mais extrema do jihadismo salafista. O mais influente desses jovens foi o jordaniano Abu Mus'ab al-Zarqawi, que inspirou e colocou em movimento a trajetória ideológica que o “Estado Islâmico” adotou em sua doutrina. Zarqawi contribuiu diretamente para os dois princípios ideológicos mais proeminentes do “ISIS”: um extremo anti-xiismo e um foco na restauração do califado. Assim, O “ISIS” foi um grupo sunita adepto do jihadismo salafista sob perspectiva wahhabita (BUNZEL, 2015).

O Jihadismo salafista é uma escola de pensamento do Islamismo que interpreta o Islã dentro do próprio sunismo. Ele possui uma leitura rígida dos textos islâmicos, que se fundamenta na ideia de “*shirk*” e “*tawhid*”, que é a eliminação da idolatria e a afirmação de que existe apenas um Deus, sendo que seus seguidores são os únicos verdadeiros muçulmanos. Assim, o “ISIS” acusava os xiitas de idolatria à família do profeta Maomé, pelo fato destes acreditarem que o sucessor de Maomé deveria ser seu próprio primo, esposo de sua filha Fátima. Para os sunitas, Maomé não disse quem deveria ser seu sucessor. Além disso, essa escola acusa de infiéis aqueles que compactuam com regimes democráticos, na medida em que são laicos. O “*jihad*” wahabita, originário da Península Arábica, surgiu do salafismo. Ele compartilha com o salafismo a crença de que se deve eliminar do “*shirk*” e defender da ideia de “*tawhid*”, ou seja, pregam limpar os xiitas do Islã (BUNZEL, 2015).

Para entender a doutrina do “ISIS”, é necessário analisar a trajetória de seu grande Emir, Al-Zarkawi. Dois anos antes do 11 de setembro, Al-Zarqawi viajou para a terra governada pelo então afegão taleban, Mullah Muhammad Bin Omar, para construir um exército com o objetivo principal de derrubar o Estado jordaniano e, mais amplamente, alvejar os regimes em todo o Levante. Embora tenha fornecido uma carta de introdução à “Al Qaeda” atestando seu caráter, a liderança sênior da organização não ficou impressionada e decidiu avaliar melhor as intenções de Zarkawi. Bin Laden e outros expressaram desdém e preocupação genuína acerca de sua impetuosidade, arrogância e tendências extremistas e sectárias (KAMOLNICK, 2017).

O sectarismo era o principal objetivo político de Zarqawi: empoderar o Islã sunita e atacar, suprimir e erradicar violentamente o Islã xiita. Enquanto o anti-xiismo é uma antiga política sunita ortodoxa, renascida no xiismo revolucionário iraniano de 1979, o anti-xiismo de Al-Zarqawi é fanático, obsessivo e caracterizado por satanização e demonização. A linguagem que ele usa para descrever o xiismo é idêntica a usada em preleções de atrocidades em massa cometidas por uma variedade de movimentos violentos baseados no ódio, e representa o extremo do extremo (KAMOLNICK, 2017).

Os textos e discursos mais proeminentes do “ISIS” estipulam que todos os muçulmanos devem se associar exclusivamente com os “verdadeiros” muçulmanos e dissociar-se de qualquer um que não se encaixe nessa definição. Não governar de acordo com a lei de Deus constitui incredulidade e lutar contra o “ISIS” é o equivalente a apostasia e todos os muçulmanos xiitas são apóstatas que merecem a morte. Desta forma, a *“jihad ofensiva”* do “Estado Islâmico” foi dirigida principalmente contra os xiitas (BUNZEL, 2015).

O Zarqawismo estabeleceu três elementos como essenciais: o ultra-sectarismo, uma vez que os xiitas são a única grande ameaça para a sobrevivência dos sunitas; a demonstração de poder por meio de uma combinação de barbáries com extrema violência e mídia; e o estabelecimento de um Estado Islâmico como precursor da libertação de todo o Levante para a futura restauração do histórico califado sunita (KAMOLNICK, 2017).

Com a morte de Al - Zarqawi, em junho de 2006, surgiu o Neo-Zarqawismo, caracterizado não somente pela continuidade doutrinária, mas também pela declaração e criação de um Estado Islâmico, objetivo que, em toda vida de Al -

Zarqawi, ele ainda não havia atingido. Abu Omar Al - Baghdadi foi anunciado como o Emir do Grupo e manteve sua liderança até 2010, ocasião em que foi morto em um ataque conjunto dos EUA no Iraque, perto de Ticrite. Abu Bakr Al - Baghdadi foi apontado como novo líder, e atingiu o ápice de sua liderança em junho de 2014, quando declarou oficialmente a criação de um califado islâmico na Síria e no Iraque (KAMOLNICK, 2017).

Ainda em meados de 2006, o grupo “Al-Qaeda no Iraque”, que na época era uma ramificação da “Al-Qaeda” no país, mudou de nome para “Estado Islâmico no Iraque (EII)”. Esta alteração de nome refletiu uma mudança de objetivos políticos defendidos pelo grupo, sendo que, o principal deles seria o estabelecimento de um Estado onde se situa o Iraque e uma posterior expansão territorial a fim de construir um califado, conforme pode ser observado na figura 01 (BUNZEL, 2015).

Na época, tal pretensão foi ignorada, mas com a saída das forças americanas do Iraque em 2011, o “EII” ganhou forças para realizar seu objetivo. Somente em 2013, o grupo conseguiu atenção internacional, quando anunciou sua expansão para a Síria, renomeando-se “Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIIL)”. Em 2014, o grupo se fortaleceu com novos recursos e recrutas, o que possibilitou a conquista da maior parte dos territórios sunitas no Iraque, inclusive a cidade de Mosul (BUNZEL, 2015).

A situação se tornou mais preocupante quando o “EIIIL” se proclamou um califado, ou império islâmico global, reforçando sua ideia de expansão territorial. O grupo também avançou para territórios sírios. Para eles, Abu Bakr al-Baghdadi, agora chamado de califa Ibrahim, tornou-se o primeiro califa muçulmano sunita. Sendo assim, o grupo alterou seu nome mais uma vez e passou a ser conhecido apenas como “Estado Islâmico” (EI) ou (ISIS) (BUNZEL, 2015).

Figura 01 - Pretensões do Califado.



Fonte: RTP.

Alguns observaram no “ISIS” uma organização que buscava o ressuscitamento do passado. Semelhantemente ao regime de governo Talibã, as populações sob seu domínio não podiam fumar nem usar câmeras. As restrições ao sexo feminino também eram evidentes, um exemplo disso era a mulher não poder viajar sem a companhia de um parente do sexo masculino e ter que usar vestimentas que cubrissem o corpo todo (NAPOLEONI, 2015).

Os diferenciais do “ISIS” em relação a outras organizações terroristas que o antecederam, como a “Al Qaeda”, inclusive os que eram ativos durante a Guerra Fria, foi a modernidade e o pragmatismo. A compreensão do mundo global de seus líderes também o tornou diferenciada, um exemplo disso foi a exploração do conflito na Síria, ao perceberem que uma intervenção estrangeira naquele país, aos moldes da forma que acontecera na Líbia e no Iraque, não seria possível (NAPOLEONI, 2015).

O modus operandi terrorista do “ISIS” foi cuidadosamente delineado em sua publicação online inaugural “*Dabiq*”, e compreendeu cinco etapas principais: emigração de um ambiente hostil para um onde o santuário exista ou possa ser criado através de atos terroristas (*Hijra*); criação do núcleo da organização jihadista (*Jama'ah*); desestabilização do regime “infel” existente por meio de ataques em massa (*Nikayah*), fomentando assim o caos (*Tawahhush*); criação e consolidação de um território, recursos e base acompanhada da declaração imediata do Estado Islâmico (*Tamkin*); e, expansão da consolidação do Estado Islâmico com a declaração imediata do Califado (*Khilafa*). Este projeto ideal de cinco etapas para restaurar o califado (*Khilafa*) não foi seguido na prática (KAMOLNICK, 2017).

A própria natureza ultraconservadora e ultra-sectária do “Estado Islâmico” levou-o a condenar virtualmente todas as outras organizações, tendências, grupos e movimentos. O extremismo do “ISIS” era considerado extremamente desviante dentro do Islã sunita, e também entre praticamente todas as organizações islâmicas sunitas armadas (KAMOLNICK, 2017).

Além do objetivo maior de recriar o antigo Califado de Bagdá, que se estendia desde a capital do Iraque até Israel antes de ter sido destruído pelos mongóis, em 1258, o “ISIS” buscou forjar a encarnação do Califado em pleno século XXI. Al-Baghdadi, em seu primeiro discurso como califa, prometeu retornar aos muçulmanos a dignidade, o poder, os direitos e a liderança e conclamou a união de todos nesse esforço. Seu discurso foi transmitido em tempo real em sites jihadistas na web, pelo Facebook e pelo Twitter, em vários idiomas, incluindo o inglês, o francês e o alemão (NAPOLEONI, 2015).

O uso da propaganda foi também uma marca do “ISIS”. Seus integrantes utilizaram como referência as máquinas de propaganda dos governos dos EUA e Reino Unido, por ocasião do ataque preventivo contra o Iraque em 2003, com atenção especial para o discurso do então ministro das relações exteriores, Colin Powell, ao qual se atribuiu a criação do mito da importância. A maestria na utilização das redes sociais, com propagandas muito bem estruturadas, fez com que o ISIS criasse mitos falsos para fazer proselitismo, recrutamento e levantamento de recursos financeiros pelo mundo islâmico. O crescente número de seguidores ao redor do mundo comprovou o poder de propaganda da organização. Num ambiente virtual em que tudo parece um videogame, o “ISIS” motivou pessoas a aderirem e a buscarem, em ações violentas, a possibilidade da fama. (NAPOLEONI, 2015).

Além das redes sociais, o “ISIS” realizou, em 2013, quase 10.000 operações no Iraque, as quais incluem nos seus resultados 1.000 assassinatos, a instalação de 4.000 mil artefatos explosivos improvisados e centenas de prisioneiros radicais libertados (NAPOLEONI, 2015).

O “Estado Islâmico” administrou vastos recursos financeiros gerados pela ocupação de centros de produção de petróleo e usinas elétricas espalhadas pela Síria. Somente com o petróleo estimou-se a arrecadação em 2 milhões de dólares por dia. Somado a isso, o “ISIS” ainda cobrava impostos de empresas comerciais e de negócios de vendas de armas e equipamentos militares, nas lucrativas rotas de

contrabando ao longo das fronteiras da Síria com a Turquia e o Iraque (NAPOLEONI, 2015).

A independência financeira do “ISIS” também se deu em decorrência das inteligentes alianças de Al Baghdadi com tribos sunitas locais, na região da Síria, para explorar recursos naturais, em especial o petróleo, o qual foi vendido até ao próprio governo sírio. O trabalho conjunto com a população local na extração e no contrabando desse recurso energético incutiu nos cidadãos a imagem de um poder mais honesto e justo do que o governo de Assad. A habilidade em cooperar com os líderes locais e incorporá-los ao Califado como parceiros, e não na condição de integrantes de uma população conquistada, favoreceu o “ISIS” em seu projeto de criação do Califado (NAPOLEONI, 2015).

O uso da extrema violência em suas ações para impor o medo nas regiões que controlaram foi outra característica do “ISIS”. Utilizando a “*sharia*”, a organização impunha punições pesadas a todos aqueles que não seguissem o Corão, além de perseguir e matar cruelmente qualquer tipo de minoria, como cristãos, curdos, yazidis, homossexuais etc. Inúmeros atentados terroristas em diversas regiões do mundo foram realizados pelo Estado Islâmico, após a instituição do califado em 2014 (SILVA, 2019).

4.3 O “BOKO HARAM”

O “Boko Haram” é um termo no idioma hausa (do Norte da Nigéria) daqueles para quem a educação ocidental é proibida ou é pecado. Consiste numa organização salafista jihadista, que busca a restauração do Islã na sua origem, longe das atuais influências externas. São totalmente contrários ao que prega o cristianismo e, por isso, perpetram atentados suicidas a igrejas ou realizam sequestros de estudantes de escolas que não sejam muçulmanas, tudo com o objetivo de evitar que os ensinamentos do islã sejam contaminados por idéias advindas dos infiéis. O principal propósito do “Boko Haram” é substituir o Estado secular nigeriano por um Estado Islâmico e para isso eles declaram como principais inimigos os cristãos e o governo nigeriano, deixando claro em suas declarações os ataques as igrejas e a todos do governo que defendem a educação ocidental nas escolas (GALITO, 2017).

Acredita - se que o “Boko Haram” foi fundado por volta de 2001 ou 2002, por Mohammed Yusuf. No entanto, existe uma corrente que afirma que essa seita

realmente começou em 1995 como “*Sahaba*”, inicialmente liderada por Lawan Abubakar, que mais tarde saiu para novos estudos na Universidade de Medina, na Arábia Saudita. Yusuf assumiu a liderança da seita após a saída de Abubakar e imediatamente embarcou em um grande projeto de enorme sucesso, recrutando mais de 500.000 membros até a sua morte. Também alega - se que Yusuf taxou cada membro a um Naira por dia, o que significa que ele acumulou aproximadamente N500.000 (cerca de £ 2000 libras esterlinas) por dia. Qualquer que seja a verdade sobre a origem da seita, o fato é que Yusuf foi o grande responsável pelo crescimento da organização. Ele estabeleceu um complexo religioso que inclui uma mesquita e uma escola onde muitas famílias pobres da Nigéria e dos países vizinhos matricularam seus filhos (ADIBE, 2013).

O grupo foi originado nos estados islâmicos mais pobres do Norte da Nigéria. Uma região repleta de problemas sociais como a pobreza, o desemprego e a explosão demográfica. Nessas regiões, a presença das autoridades nigerianas é praticamente inexistente, e a desconfiança da população é agravada pela corrupção e pelo desleixo (GALITO, 2017).

O “Boko Haram” até 2009 conduziu suas operações, de maneira geral, de forma pacífica, até que uma repressão do governo, naquele mesmo ano, em que cerca de 800 pessoas morreram, estimulou a sua radicalização. Mohammed Yusuf foi morto durante esses ataques, já sob custódia policial. O assassinato do seu maior líder pareceu uma execução extrajudicial e motivou o grupo a realizar seu primeiro atentado terrorista, em Borno, em janeiro de 2010, à enfermaria Dala Alemderi, em Maiduguri, o qual resultou na morte de quatro pessoas. Em janeiro de 2012, Abubakar Shekau, um formal substituto de Yusuf, que acreditava - se ter morrido na repressão do governo de 2009, apareceu em um vídeo postado no Youtube e assumiu a liderança do grupo (ADIBE, 2013).

Após a morte de Yusuf e a expressiva quantidade assassinatos e prisão de seus membros, a seita recuou e repensou sua estratégia de duas maneiras. Primeiro, foi a adoção da linha dura de Abubakar Shekau, vulgo “*Darul Tawheed*”, seu novo líder espiritual. Em segundo lugar, ocorreu a redefinição de suas táticas, que envolveram o aperfeiçoamento das táticas tradicionais, adicionando novas táticas violentas, como o uso de explosivos improvisados dispositivos (IEDs), assassinatos seletivos, tiroteio e bombardeios suicidas (FREEDOM, 2013).

Os ataques têm sido tradicionalmente direcionados a líderes comunitários e religiosos, políticos, centros religiosos e outros alvos civis. Com o tempo, foram alvos da organização mercados, escolas públicas, hospitais, instituições, centros de mídia e, mais recentemente, infraestruturas críticas, como telecomunicações. Embora o impacto de seus ataques tenha tido ampla cobertura da mídia local e internacional, nem as táticas empregadas nem seus alvos sugerem algo até então desconhecido para a história jihadista e sua violência terrorista (FREEDOM, 2013).

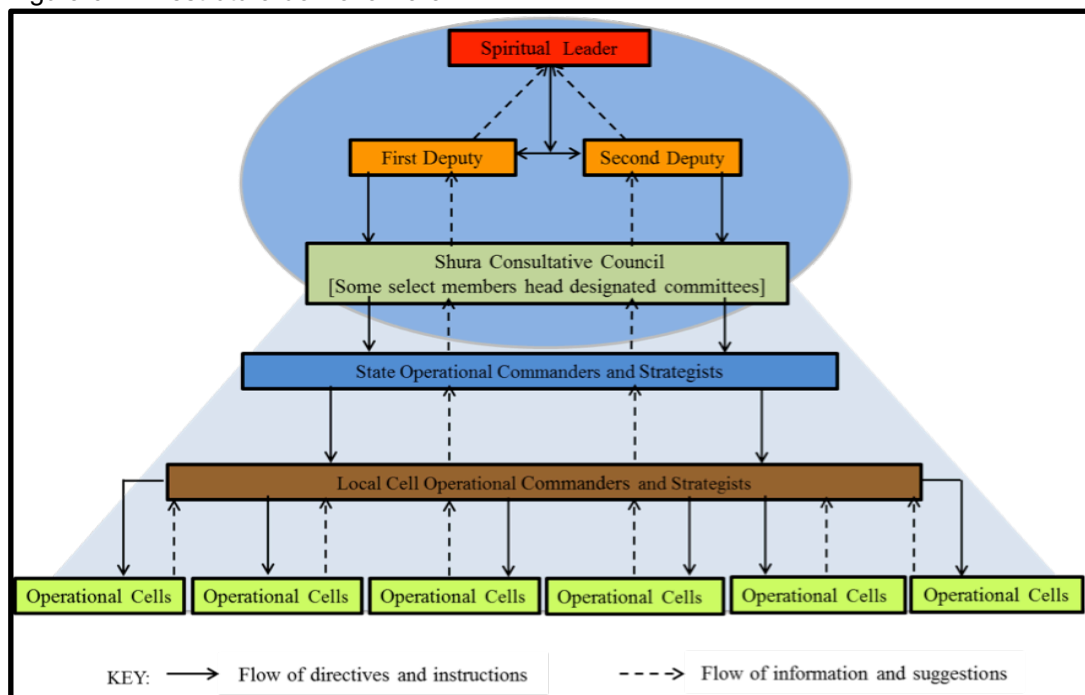
Em seus ataques a infraestruturas de telecomunicações na Nigéria, com *modus operandi* semelhante a de atentados perpetrados pelo Taliban no Afeganistão, demonstram que grupos jihadistas emergentes tendem a copiar táticas ou estratégias adotadas por grupos terroristas mais antigos, a fim de alcançar seus objetivos estratégicos (FREEDOM, 2013).

A ação mais significativa do “Boko Haram” aconteceu em abril de 2014, quando a organização sequestrou cerca de 276 mulheres entre 16 e 18 anos. Segundo relatos de algumas das vítimas que conseguiram escapar, os militantes utilizavam-nas como escravas sexuais e vendiam-nas para membros da organização a um preço médio de 12 (doze) dólares. Posteriormente, indícios mostraram que boa parte das mulheres também foram utilizadas em inúmeros combates (PENA, 2019).

Além das fronteiras da Nigéria, pôde - se também perceber ações de vulto da seita. Como exemplos, o Boko Haram organizou raptos a europeus para obtenção de resgate, em Camarões; reivindicou o rapto de uma família francesa, em 20 Outubro 2012, e outra, em Fevereiro de 2013; e, em 2 de Janeiro 2015, atacou o distrito de Mozogo na zona norte dos Camarões, onde morreram pelo menos 23 pessoas (GALITO, 2017).

A estrutura organizacional da seita é muito bem organizada e acredita-se que a sua rede de comando se configura da seguinte forma: abaixo de Abubakar Shekau, a seita mantém uma estrutura flexível de comando e controle, o que permite operar de forma autônoma e descentralizada (figura 02). Ela opera em uma estrutura organizada em células, cujas unidades são interligadas, mas que agem a partir das diretrizes de um comandante. Abubakar Shekau lidera o Conselho Consultivo “*Shura*” que autoriza os ataques cada vez mais sofisticados, de várias células da seita, desde a revolta de julho de 2009 (FREEDOM, 2013).

Figura 02 - A estrutura do Boko Haram.



Fonte: Freedom, 2013.

Para alguns, o “Boko Haram” é um sintoma de que o Estado nigeriano se tornou um estado falido. Outros culpam a pobreza e a má governança, enquanto alguns ainda localizam sua emergência em uma hipótese de frustração-agressão. Aqui os membros da seita se dizem frustrados com a situação do país, especialmente com a situação dos muçulmanos do norte, que sentem - se abandonados pelo governo. (ADIBE, 2013).

O “Boko Haram” possui afiliações diretas ou indiretas com a “Al-Qaeda do Magreb Islâmico (AQIM)”, com a “Al-Qaeda” e, antigamente, com o ISIS, recebendo apoio logístico e financiamento. Colabora com a “Al-Shabaad”, da Somália; com o “Ansar Al-Dine”, do Mali; e com o “Movimento Uicidade da Jihad na África Ocidental” (MUJAO), que atua primordialmente no sul da Argélia e a norte do Mali. A Vanguarda para a Proteção dos Muçulmanos das Terras Negras (Ansaru) constituem uma célula autónoma do “Boko Haram”, mas não distante do grupo original (GALITO, 2017).

O “Boko Haram” financia as suas atividades através de vários meios: pagamento de taxas de associação; doações de políticos e membros de governo; apoio financeiro de outros grupos terroristas, como a “Al Qaeda”; e crime organizado, especialmente assalto a banco. Analistas afirmam que a seita pode recorrer a outras atividades criminosas, como sequestro, tráfico de armas e de narcóticos (FREEDOM, 2013).

A habilidade do “Boko Haram” na defesa de seus ideais também alcançou o “cyberespaço”. Em agosto de 2012, o Boko Haram teria hackeado bancos de dados pessoais do serviço secreto da Nigéria. O indivíduo que comprometeu, com sucesso, o sistema de dados, indicou que a violação foi executada em nome do “Boko Haram” e foi uma resposta ao tratamento do governo nigeriano para com o grupo. O ataque retaliatório revelou os nomes, endereços, informações bancárias e membros da família do atual e antigo pessoal designado à agência de espionagem do país. O ataque não teria tremenda significância em si mesma. No entanto, representou uma mudança substancial em táticas para um grupo cujo nome conota uma postura antiocidental. Até recentemente, a estratégia de ataque do “Boko Haram” estava longe de ser tecnológica. No entanto, desde a sua associação com a “Al Qaeda”, o “Boko Haram” demonstrou uma abordagem amplamente alterada na execução de seus ataques. Estes passaram a ser mais violentos e apresentaram características de treinamento por pessoal da “Al Qaeda”, dado que o espaço cibernético faz parte do kit de ferramentas de guerra da “Al Qaeda”, desde 1998 (BAKEN, 2013).

4.4 CONCLUSÃO PARCIAL

Conclui-se, parcialmente, que as organizações terroristas possuem uma estrutura organizacional muito bem planejada e compartimentada, fluida e dinâmica, com lideranças atuantes e comprometidas com suas ideologias. Essas organizações são compostas por membros altamente treinados, motivados e capazes de executar qualquer ato para defender seus ideais, inclusive sacrificar a própria vida. O uso do extremismo, da violência e do ódio justificam - se em prol da causa maior, a defesa de sua ideologia.

Além disso, as organizações terroristas possuem um suporte financeiro e logístico complexo e robusto, com apoio de pessoas, governos e instituições. Essas organizações também utilizam - se de métodos ilícitos, inclusive utilizados por organizações criminosas, para complementar a captação de seus recursos.

Nesse contexto, percebe - se que as organizações terroristas têm alcance global, uma vez que diversos vetores, entre eles o "cyberespaço", potencializaram a sua capacidade de realizar propaganda, adquirindo adeptos fiéis e comprometidos em diversas partes do mundo. Além disso, esses vetores permitiram que essas diversas organizações se ligassem e passassem a se ajudar e, de certa forma, padronizar suas

ações, aumentando sua capilaridade no mundo, tornando -se cada vez mais difícil a sua neutralização.

5. AS FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

Após o 11 de setembro de 2001, o presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush, impulsionou as capacidades das Forças de Operações Especiais visando a Guerra Global contra o Terror. Ao mesmo tempo, a OTAN, com seus diversos aliados, seguiu o exemplo americano. (MOON, 2018)

A Doutrina Conjunta Aliada da OTAN para Operações Especiais define operações especiais como o seguinte: atividades militares realizadas por forças especialmente designadas, organizadas, selecionadas, treinadas e equipadas usando técnicas e modos de trabalho não convencionais. Ainda especifica que tais atividades podem ser conduzidas em toda a gama de operações militares, para ajudar a alcançar o estado final desejado. Ainda, podem exigir técnicas clandestinas ou encobertas e a aceitação de um grau de risco político ou militar não associado às operações das forças convencionais. As Operações Especiais fornecem resultados estratégicos ou operacionais e são executados onde há risco político significativo (MOON, 2018).

As Forças de Operações Especiais (F Op Esp) tornaram-se o instrumento militar para a campanha global de contraterrorismo, iniciada no rescaldo dos ataques de 11 de setembro. Dentre suas diversas capacidades, destacam - se: ações diretas para rastrear, prender ou matar terroristas e seus responsáveis; ou, métodos indiretos, que frequentemente envolvem assessoramento e treinamento de forças de operações especiais amigas, tanto estatais quanto não estatais (MOON, 2018).

Dentro da visão estratégica da OTAN, para melhor garantir as capacidades militares ante as ameaças do século XXI. O conceito militar de defesa contra o terrorismo observa que operações de contraterrorismo serão principalmente operações conjuntas e que as Forças de Operações Especiais são muito mais qualificadas do que as forças convencionais ou policiais para realizar tais operações (TAYLOR, 2009).

Para os Exército Brasileiro, as Forças de Operações Especiais são as frações de Forças Especiais, Comandos e seus apoios que possuem habilitações e especializações para operar em ambientes hostis, negados ou

politicamente sensíveis. São tropas altamente qualificadas com desempenho elevadíssimo para realizar tarefas específicas (BRASIL, 2017).

As F Op Esp também possuem a capacidade de realizar operações de prevenção e combate ao terrorismo (OPCT), em ambientes negados ou politicamente sensíveis às forças convencionais e/ou policiais, por intermédio de operações de baixa visibilidade (BRASIL, 2017).

A doutrina de Operações Especiais para a prevenção e combate ao terrorismo evoluiu de maneira significativa após o 11 de setembro. As F Op Esp da OTAN estabeleceram planos de segurança coletivos para responder as possíveis ameaças terroristas, devido ao seu caráter multinacional e a complexidade crescente do ambiente de segurança europeu. Essas medidas tiveram como principal objetivo o aumento da interoperabilidade e do diálogo entre as inúmeras unidades militares integrantes da OTAN (MILLER, 2016).

Curiosamente, a doutrina das F Op Esp da OTAN não coloca o contraterrorismo no rol de suas principais missões. A publicação Conjunta Aliada 3.5 - *Doutrina Conjunta Aliada para Operações Especiais (AJP-3.5, Allied Joint Doctrine for Special Operations)*, estabelece a assistência militar, o reconhecimento especial e a ação direta como as três missões principais das F Op Esp da OTAN. A AJP-3.5 inclui um único parágrafo dedicado ao contraterrorismo. De maneira geral, a AJP-3.5 afirma que as F Op Esp da OTAN devem ser empregadas quando houver um risco elevado, uma necessidade de capacidades especiais ou requisitos de condução de operações secretas ou clandestinas (MILLER, 2016).

Em países como os EUA, a Inteligência é vista como a “primeira linha de defesa” contra o terrorismo. Todavia, as informações mais específicas são raras e de difícil obtenção. Deduz - se, desta forma, que para se obter esses dados mais difíceis, faz - se necessária a infiltração de grupos altamente adestrados, que não descuidam de sua segurança operacional, daí a importância dos elementos de operações especiais (MILLER, 2016).

Para o Brasil, as operações de inteligência devem ser eminentemente proativas, com o objetivo de buscar, coletar e explorar, de imediato, informações sobre as organizações terroristas. Essas operações podem ser cumpridas pelas F Op Esp complementando os elementos essenciais de inteligência (EEI) e outras necessidades de inteligência (ONI) recebidos do escalão superior e de outras agências (BRASIL, 2017).

A doutrina de Operações Especiais dos Estados Unidos da América (EUA), por meio do documento "*Joint Publication 3-26, Counterterrorism*" (JP 3-26) define contraterrorismo como ações tomadas diretamente e indiretamente contra redes terroristas, a fim de influenciar e tornar os ambientes globais e regionais "inóspitos" para essas redes. As F Op Esp possuem a capacidade de realizar essas operações em ambientes considerados negados, hostis ou politicamente sensíveis, conduzindo missões de contraterrorismo ostensivas, cobertas, clandestinas ou de baixa visibilidade (EUA, 2014).

A doutrina brasileira divide as ações contraterrorismo em combate e prevenção. A prevenção consiste nas ações para a proteção caracterizada pela presença ostensiva ou não, de caráter ativo ou passivo, com a principal finalidade de dissuadir possíveis ameaças. O combate consiste nas medidas ofensivas de caráter repressivo, a fim de dissuadir, antecipar, impedir ou limitar seus efeitos e responder às ações terroristas (BRASIL, 2017).

Nos EUA, as atividades das F Op Esp no combate ao terrorismo incluem operações de inteligência para coletar, explorar e relatar informações sobre as organizações terroristas, suas lideranças e atividades. O objetivo é destruir, desorganizar ou neutralizá-las antes que elas possam atacar alvos de interesse nacional. Além disso, os operadores especiais podem realizar resgate de reféns ou recuperação de materiais sensíveis sob controle dessas organizações. Essas atividades requerem capacidades que normalmente não são encontradas nas unidades convencionais. Atividades não-letais também são utilizadas para derrotar as ideologias ou motivações que fortalecem os grupos terroristas. Essas atividades podem incluir uma variedade de capacidades relacionadas às operações de informação (EUA, 2014).

O plano de campanha para a guerra ao terrorismo faz uso de abordagens diretas e indiretas. Essas abordagens apóiam - se mutuamente e integram seus recursos para interromper simultaneamente as organizações extremistas violentas (VEOs) e influenciar o ambiente em que elas operam para neutralizar a sua capacidade de influência no futuro (EUA, 2014).

Ambas as abordagens são integradas globalmente dos níveis estratégicos aos táticos. Uma ou ambas as abordagens podem ser conduzidas no escopo de uma campanha mais ampla, conforme orientado por um comando conjunto. A capacidade

de gerenciar ambas as abordagens para aproveitar seus efeitos sinérgicos é vital para o sucesso dos objetivos de contraterrorismo de curto e longo prazo (EUA, 2014).

Na operação "*IRAQI FREEDOM*", as Forças de Operações Especiais integraram as abordagens diretas e indiretas diariamente. Elas realizaram missões de ação direta contra os insurgentes e os terroristas da rede "Al Qaeda", matando ou capturando os responsáveis por cometer violência contra os iraquianos e contra a força de coalizão (EUA, 2014).

Ao mesmo tempo, as F Op Esp conduziram ações indiretas no treinamento e assessoramento da Brigada de Forças Especiais e outras forças de segurança iraquianas. De fato, a maioria das Forças Especiais do Exército dos EUA (Boinas Verdes) e *SEALs* (*Sea, Air and Land forces*), unidade especial da marinha da Marinha, atuaram em parceria com unidades iraquianas no Iraque, lutando lado a lado com eles, inclusive deixando - os liderar algumas missões, a fim de fornecer capacidades que o deixassem aptos a assumirem, em todos os aspectos, a segurança de seu país no futuro. Simultaneamente, unidades de assuntos civis e operações psicológicas envolveram - se na construção e reconstrução de infraestruturas, além de operações de informação, que influenciaram positivamente a população (EUA, 2014).

A abordagem direta contra terroristas e suas organizações consiste em derrotar uma ameaça específica através da neutralização / desmantelamento da rede (incluindo atores, recursos e estruturas de apoio), bem como evitar o ressurgimento de uma ameaça já neutralizada. Um exemplo de capacidade militar aplicável à abordagem direta é a Ação Direta (DA). Essa ação requer um alto grau de precisão do uso da força para alcançar objetivos específicos. Essas ações são normalmente de curta duração e conduzidas em área hostil, negada ou politicamente sensível onde possa existir um enclave terrorista, ambiente no qual apenas F Op Esp podem agir (EUA, 2014).

A abordagem indireta descreve os meios pelos quais a Rede Global de Combate ao Terrorismo (GCTN) pode influenciar os ambientes operacionais nos quais as campanhas e operações de contraterrorismo são conduzidas. Essa abordagem geralmente inclui ações tomadas dentro de Linhas de Operação para habilitar parceiros a conduzir operações contra terroristas e suas organizações. Nesse escopo, as F Op Esp funcionam como vetores multiplicadores de conhecimento (EUA, 2014).

Segundo EUA (2014), a abordagem indireta combina várias operações e atividades que as F Op Esp devem estar em condições de planejar, executar e apoiar,

como Operações Psicológicas, Operações de Informação, Guerra Irregular e Cooperação Civil Militar, as quais produzem sinergias que convergem para:

- Habilitar países parceiros a combater organizações terroristas. Isso contribui para os mesmos protegerem seu próprio território e é decisivo em uma operação de prevenção e combate ao terrorismo.

- Influenciar o ambiente global, estabilizando-o para negar aos terroristas paraísos seguros e acesso a bases populacionais suscetíveis a operações de recrutamento.

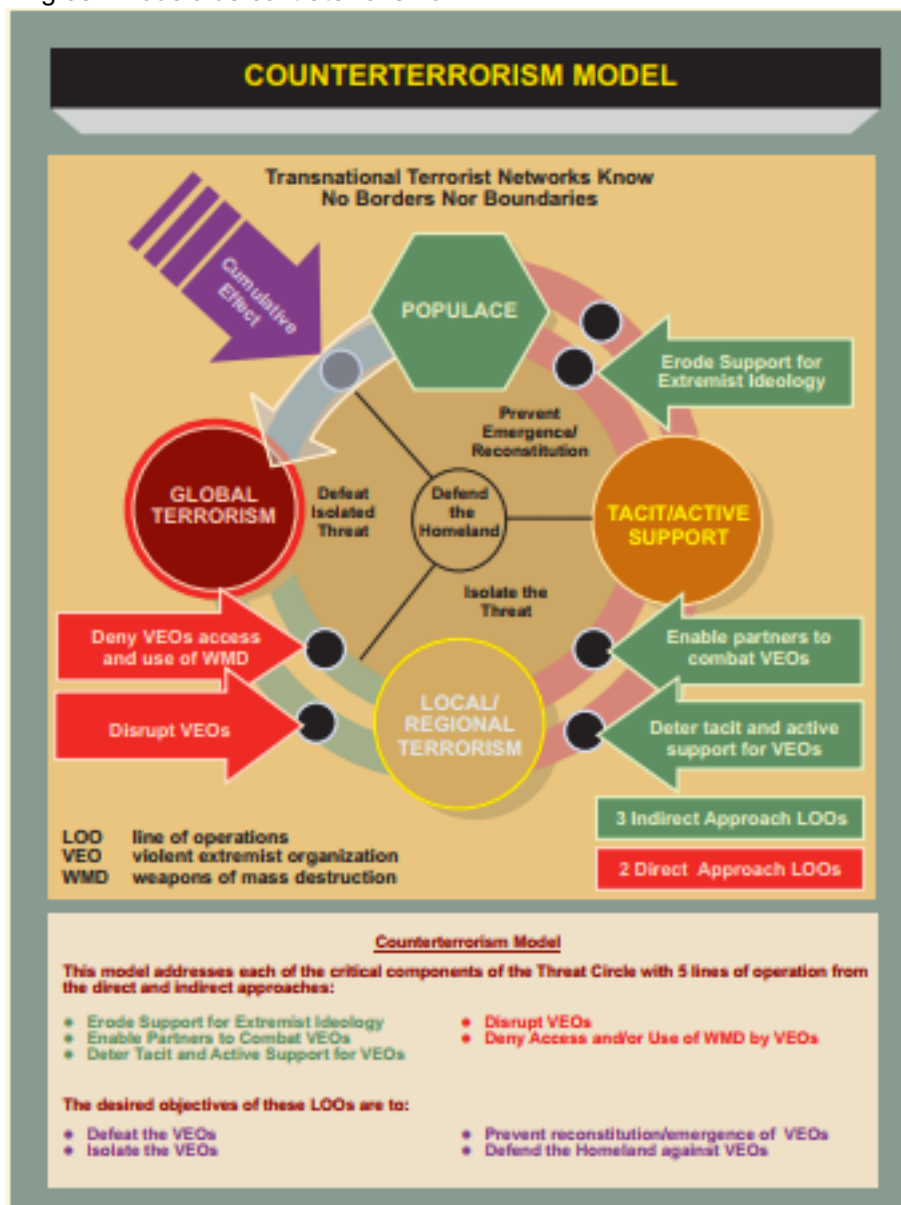
- Eliminar o apoio às ideologias terroristas. Estão inclusos nesse aspecto a neutralização das campanhas de propaganda e desinformação, que muitas vezes servem como justificativa para atos de terrorismo. Além disso, essas ações buscam reduzir o apoio aos terroristas por meio de ações que reduzam os problemas vividos pela população, muitas vezes utilizados pelas organizações terroristas como facilitadores para o recrutamento, como por exemplo, a corrupção, a pobreza, a miséria, o desemprego, o analfabetismo, as condições sanitárias, etc.

As F Op Esp do Exército Brasileiro subdividem o contraterrorismo nas vertentes proativa, cujos esforços são de caráter eminentemente ofensivo e repressivo, despendidos por Agências de Inteligência (AI) e forças de segurança estatais especializadas, com o propósito deliberado de impedir a consecução de um ataque terrorista, antecipando-se ao ato hostil; e reativa, cujos esforços são os mesmos, no entanto com o propósito explícito de responder a um ato terrorista. A doutrina considera ainda, que as medidas de antiterrorismo são prioritárias em relação às de contraterrorismo, assim como as ações de contraterrorismo proativo são prioritárias em relação às de contraterrorismo reativo (BRASIL, 2017).

A figura 03 apresenta um modelo de contraterrorismo onde se enquadram as abordagens diretas e indiretas e cujas linhas de operações partem da estrutura estratégica da campanha. O Contraterrorismo é uma das principais tarefas das Forças de Operações Especiais, mas a demanda global por esse tipo de atividades e as variadas condições sob as quais a ampla gama de atividades de contraterrorismo ocorrem indicam que Forças de Operações Especiais não podem ser a única força envolvida em operações contraterrorismo. As Forças de Operações Especiais geralmente executam dois tipos de atividades. Primeiro, elas executam tarefas que as forças convencionais não são capazes de realizar e, segundo, elas executam tarefas que podem ser realizadas pelas forças convencionais, mas sob condições e padrões

específicos, normalmente usando táticas, técnicas e procedimentos não utilizados por forças convencionais.

Fig 03 - Modelo de contraterrorismo



Fonte: EUA, 2014

5.1 CONCLUSÃO PARCIAL

Conclui-se, parcialmente, que as Forças de Operações Especiais são as mais qualificadas para executarem as ações de prevenção e combate ao terrorismo, uma vez que estão aptas a operar em ambientes hostis, negados e/ou politicamente sensíveis.

Além disso, as ações das F Op Esp devem ser executadas, preferencialmente, de forma integrada com outras capacidades, como inteligência e operações de

informação, devido a complexidade do cenário das operações contraterrorismo. Essas ações podem ser desencadeadas utilizando as abordagens direta e indireta, com preponderância para as ações de prevenção, antiterrorismo e contraterrorismo proativo, tudo com a finalidade de impedir que o ataque terrorista planejado seja executado.

6. CONCLUSÃO

O novo terrorismo global surgido após o 11 de setembro representou o avanço do terrorismo, de maneira tal, que as fronteiras se tornaram cada vez mais irrelevantes para sua influência. As organizações terroristas passaram a aumentar a amplitude de suas ações, surpreendendo autoridades e desafiando órgãos de inteligência de todo o mundo.

A falta de unanimidade acerca da definição do terrorismo permitiu que esses grupos perpetrassem suas ações as confundindo, por vezes, com crimes considerados comuns. Ações estas desencadeadas com considerado grau de violência, ignorando princípios éticos, morais e sociais, surpreendendo e deixando marcas indelévels em sociedades de diversas partes do mundo.

Aliado a isso, as organizações terroristas do novo terrorismo global apresentaram líderes cada cada vez mais comprometidos com sua ideologia, inclusive com algumas lideranças de organizações cooperando entre si, as quais buscaram aprimorar constantemente sua doutrina, tornando mais eficaz o emprego de seus grupos e adeptos e o planejamento de seus atentados. Assim o fez a "Al Qaeda" e o "ISIS", por exemplo, que seguiram à risca os preceitos da "*Declaration of Jihad against the Country's Tyrants (Military Series)*" e da "*Dabiq*", respectivamente.

Em relação à estrutura dessas organizações terroristas, percebeu - se uma capilaridade, complexidade e grau de compartimentação bastante elevado, não apenas em relação à distribuição de suas células, mas também em relação a sua estrutura logística e financeira, o que tem tornado cada vez mais difícil a identificação dos seus atos.

O uso da internet por essas organizações facilitou a internacionalização de suas atividades e proporcionaram a disseminação de propagandas muito bem trabalhadas, angariando a simpatia e a adesão de novos adeptos em todo o mundo. Além disso, a internet tornou possível a transmissão de instruções via rede "web", possibilitando o adestramento e a preparação de atentados, independente da distância entre organizações e perpetradores. O mesmo ocorreu com o levantamento de recursos financeiros, uma vez que a "web" possibilitou a transferência de valores para contas de diversos paraísos fiscais do mundo. Com isso, a ação das organizações passou a ter atuação não apenas no campo físico, mas também no campo virtual, colocando o "cyberespaço" como mais um cenário de atuação do terror.

Nesse contexto, as Forças de Operações Especiais avultaram de importância, principalmente pela sua capacidade. Considerando este aspecto, chegou-se à conclusão, no presente estudo, acerca das adequações necessárias para as Forças de Operações Especiais enfrentarem os desafios do novo terrorismo global, adequações estas traduzidas em capacidades. No entanto, antes de elucidar essa questão, buscou-se o correto entendimento do conceito de capacidade e para isso tomou - se como referência o conceito utilizado pelo Exército Brasileiro de Planejamento Baseado em Capacidades (PBC).

Para o Exército Brasileiro, capacidade é a aptidão requerida a uma força ou organização militar para que possa cumprir determinada missão ou tarefa. Esta capacidade é obtida a partir de um conjunto de sete fatores determinantes inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização (e/ou processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura, formando o acrônimo DOAMEPI. Assim, a prontidão operativa é alcançada na sua plenitude quando se tem todas essas capacidades desenvolvidas (BRASIL, 2014).

Explicando de forma sucinta o acrônimo DOAMEPI, a Doutrina constitui a base para os demais e é materializada nos produtos doutrinários em geral; a Organização refere - se à estrutura organizacional, a qual se deve evitar competências redundantes contempladas em outras estruturas; o Adestramento compreende as atividades de preparo necessárias para capacitar determinada fração para o emprego a qual é destinada; o Material compreende todos os materiais e sistemas que podem ser utilizados, acompanhando os avanços tecnológicos dos materiais de emprego militar; a Educação refere-se a formação, capacitação e habilitação em geral; o Pessoal compreende todos os aspectos relacionados a política de pessoal e a dimensão humana; e a Infraestrutura engloba todos os elementos estruturais que dão suporte à utilização e ao preparo dos elementos de emprego (BRASIL, 2014).

Considerando os aspectos acima mencionados, chega - se a conclusão que a doutrina das Forças de Operações Especiais, de forma geral, é compatível para o cumprimento das missões de contraterrorismo, uma vez que as atividades que a compõem caracterizam-se pela flexibilidade e abarcam técnicas e modos de trabalho não convencionais. No entanto, percebe - se, no contexto das operações contraterrorismo, que as F Op Esp devem dar maior relevância para o contraterrorismo proativo, pois a prevenção do atentado deve ser o principal foco das ações. Aliado a isso, as F Op Esp devem agregar em sua doutrina a busca pela integração com outros

vetores e organizações, a fim de fazer frente a complexidade do cenário das operações contraterrorismo. Essa integração tem com o objetivo influenciar o ambiente em que elas operam e, conseqüentemente, neutralizar as capacidades das organizações terroristas. Em uma operação contraterrorismo, torna-se cada vez mais difícil as F Op Esp resolverem o problema apenas com seus meios.

Com relação a organização das F Op Esp, o cenário apresentado após o 11 de setembro motivou essas forças a buscarem agregar capacidades as suas ações. Com isso, cresceu de importância a execução de operações conjuntas e o uso de outros vetores em apoio as missões das F Op Esp, como operações psicológicas, operações de informação e cooperação civil militar, combatendo, desta forma, as organizações terroristas não apenas diretamente, mas também de forma indireta.

Com relação à educação e ao adestramento, fica evidenciado que as F Op Esp são as mais aptas a realizar as operações de contraterrorismo, uma vez que a formação e o treinamento de seus operadores abarcam a execução de tarefas que as forças convencionais não são capazes de realizar. Ainda considerando esses aspectos, fica evidente que as F Op Esp devem buscar o constante aprimoramento dessas múltiplas capacidades, priorizando as ações de contraterrorismo proativo, o que irá proporcionar melhores condições para fazer frente às organizações terroristas do pós 11 de setembro.

Com relação ao material, torna-se clara a necessidade do uso de equipamentos e sistemas que possam ser integrados a outras organizações, a fim de permitir a interoperabilidade e o diálogo entre os diversos atores que, de alguma forma, irão cooperar com as F Op Esp nas ações de prevenção e combate ao terrorismo. Além disso, cresce de importância o aperfeiçoamento de pessoal e a aquisição de equipamentos da área de cibernética, uma vez que o “cyberespaço” está cada vez mais sendo utilizado pelas organizações terroristas.

No que se refere a pessoal e infraestrutura, conclui - se que as Forças de Operações Especiais devem compor seus quadros com militares de elevado desempenho profissional, uma vez que deverão estar em condições de cumprir missões em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis. Aliado a isso, a infraestrutura que dará suporte ao preparo dos elementos de emprego, incluindo instalações físicas e equipamentos, deverão ser suficientemente adequadas para que os elementos das Forças de Operações Especiais atinjam seu nível máximo de desempenho.

Por fim, conclui - se que os novos desafios das Forças de Operações Especiais ante as organizações terroristas do novo terrorismo global são retrato do processo de evolução que a sociedade mundial vem passando. A solução para o enfrentamento a esses desafios reside na medida exata de como e quando se devem fazer as adaptações necessárias para manutenção e aprimoramento das capacidades das F Op Esp. Decerto que a flexibilidade inerente ao emprego das Forças de Operações Especiais ajudará nesse processo, o diferencial estará na capacidade de cada F Op Esp em realizar a correta leitura do ambiente volátil, incerto, complexo e ambíguo, o qual a sociedade está inserida.

REFERÊNCIAS

ADIBE, Jidefor. Boko Haram: Anatomy of a Crisis. **What do we really know about Boko Haram**. Bristol, UK. 2013.

AUGUSTO, Otávio. MPF denuncia 11 brasileiros acusados de promover o Estado Islâmico. **Correio Brasiliense**. Brasília, 17 maio 2018. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/17/internabrazil,681373/mpf-acusa-11-brasileiros-de-promover-estado-islamico-e-recrutar-jihadi.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BAKEN, Denise N. Boko Haram: Anatomy of a Crisis. **What do we really know about Boko Haram**. Bristol, UK. 2013.

BEZERRA, Juliana. 11 de setembro. **Toda Matéria**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/11-de-setembro/>>. Acesso em: 21 de mar. 2019.

BRASIL. **Lei 13.280**, de 16 de março de 2016. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista; e altera as Leis nos 7.960, de 21 de dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013.

BRASIL. Exército. **Operações Especiais**. 3 ed. Brasília, DF. 2017.

BRASIL. Exército. **Doutrina Militar Terrestre**. 1 ed. Brasília, DF. 2014.

BRASIL. Exército. Portaria nº 233-EME. **Plano de Gestão do Legado dos Jogos Olímpicos**. 21 de jun 2016.

BUNZEL, Cole. **From paper state to caliphate: the ideology of the Islamic State**. Washington, D.C.: Analysis Paper, n. 19, 2015. Disponível em: <<http://www.brookings.edu/~media/research/files/papers/2015/03/ideology-of-islamic-state-bunzel/the-ideology-of-the-islamic-state.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

CARVALHO, Leandro. "Terrorismo". **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historia/terrorismo.htm>>. Acesso em: 21 de mar. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Exército. N° 3-18. **Special Forces Operation**. Washington, DC, 28 maio 2014.

FERNANDINO, Carolina Cristina Cordeiro. **A expansão do Estado Islâmico no Iraque e na Síria**. Belo Horizonte, 2017. p. 7-17.

FREEDOM, Onuoha. Boko Haram: Anatomy of a Crisis. **What do we really know about Boko Haram**. Bristol, UK. 2013.

GALITO, Maria Sousa. **Boko Haram - Os Talibans da Nigéria**. Lisboa, 2017.

GUNARATNA, Rohan. **Inside Al Qaeda: global network of terror**. USA, 2002.

KAMOLNICK, Paul. **The Al-Qaeda Organization and The Islamic State Organization: History, Doctrine, Modus Operandi, And U.S. Policy to Degrade and Defeat Terrorism Conducted in The Name of Sunni Islam**. USA, 2017.

MILHOMEM, Rodolfo. **O Terrorismo Global e a atuação da Comunidade Internacional**. Uberaba, ano 13, n. 1239. Disponível em: <<https://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/artigo/4034/o-terrorismo-global-atuacao-comunidade-internacional>> Acesso em: 21 mar. 2019.

MILLER, Matthew E., As Forças de Operações Especiais da OTAN, o Contraterrorismo e o Ressurgimento do Terrorismo na Europa. **Military Review**. Brasil, Out. 2016.

MOON, Madeleine. **Nato Special Operations Forces in The Modern Security Environment**. Bruxelas, Abr. 2018.

NAPOLEONI, Loretta. **A fênix islamista: o estado islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio**; tradução Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2015.

PELLET, Sarah. O Desafio da Comunidade Internacional frente ao Terrorismo: a ambigüidade da noção de terrorismo. *In*: CALDEIRA, Leonardo Nemer Brandt. **Terrorismo e Direito: os impactos do terrorismo na Comunidade Internacional e no Brasil**: as perspectivas político jurídicas. 1 Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003. p.9.

PENA, Rodolfo F. Alves. Principais grupos terroristas da atualidade. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/grupos-terroristas-mundo.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Boko Haram"; **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/boko-haram.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

RAMOS, Graça Andrade. O Califado de Abu Bakr Al - Bagdadi; **RTP**. Disponível em: <http://media.rtp.pt/estadoislamico/a-jihad-de-al-bagdadi/forcas-e-fraquezas-estado-islamico>. Acesso em 13 ago. 2019.

RAPOPORT, David C. **The Four Waves of Modern Terrorism**. In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.

REZENDE, Daniel Brisolla. **O Grupo Terrorista Estado Islâmico**: emprego de meios militares de alta tecnologia. Resende: AMAN, 2017.

SATLOFF, Robert. A Primer on Hamas: Origins, Tactics, Strategy, and Response. **Washington Institute**. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/html/pdf/PF53-Satloff.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

SCHMIDT, Alex P. **Root causes of terrorism**: some conceptual notes, a set of indicators, and a model. Democracy and Security. [S.l.]. v. 1. 2005. 127p.

SILVA, Daniel Neves. "O que é Estado Islâmico?". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-estado-islamico.htm>. Acesso em: 22 mar. 2019.

TAYLOR, Steven C. **The Nato Special Operations Forces transformation initiative**: Opportunities and Challenges. Monterrey, Mar. 2009.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular**: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: contexto 2009.

WOLOSZYN, André Luís. **Terrorismo Global**: aspectos gerais e criminais. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010. 164p.